



CAROLA LOPES BRAZ

**MARCAS DE SUBJETIVIDADE E
INTERSUBJETIVIDADE EM TEXTOS ORAIS**

**Londrina
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CAROLA LOPES BRAZ

MARCAS DE SUBJETIVIDADE E
INTERSUBJETIVIDADE EM TEXTOS ORAIS

Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação, em Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual
de Londrina, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre.
Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck

Londrina

2006

CAROLA LOPES BRAZ

MARCAS DE SUBJETIVIDADE E
INTERSUBJETIVIDADE EM TEXTOS ORAIS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, _____ de _____ de 2006

A Deus, à minha família e aos meus
sinceros amigos...

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck, pela dedicação e companheirismo em todas as etapas deste trabalho.

A minha mãe e irmãs, pela paciência, confiança e motivação durante todo este percurso.

Ao meu pai, pelo apoio e entusiasmo.

A todos os professores e colegas que, direta ou indiretamente, colaboraram para o desenvolvimento deste trabalho.

"(...)existe em nossa subjetividade humana esse lugar habitado pelas noções de alma , de espírito, *animus*, anima, e temos o sentimento profundo de uma insuficiência da alma que só pode satisfazer o outro sujeito."

Edgar Morin

BRAZ, Carola Lopes. **Marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos orais**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

RESUMO

Este trabalho analisa a importância das marcas de subjetividade e intersubjetividade na construção de textos orais colaborando na interação entre os interlocutores. São analisados processos de construção do texto (hesitação, paráfrase, parênteses, correção, repetição, digressão) e marcas específicas de subjetividade e intersubjetividade representadas por pronomes e verbos na primeira e segunda pessoas do singular e do plural, além de marcadores conversacionais (tio de marca, quem produz a marca de subjetividade, a quem se dirigem as marcas produzidas pelo falante, grau de envolvimento, relação com o desenvolvimento tópico, valor de atenuação). O corpus de análise é formado por trechos de inquéritos retirados do projeto NURC/SP e NURC/RJ, dos tipos diálogo entre dois informantes e elocuições formais, de números 62, 343, 356 e 405. Por meio das análises, verificou-se que ambos os tipos de inquéritos apresentam marcas de subjetividade e intersubjetividade, fundamentais para a construção do texto oral.

Palavras-chave: subjetividade; dialogismo; língua falada.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Tipos de períodos da UD.....	51
Tabela 02 – Hesitação.....	62
Tabela 03 – Frequência dos tipos de paráfrase.....	73
Tabela 04 – Frequência das paráfrases nos inqueritos.....	75
Tabela 05 – Repetição.....	81
Tabela 06 – Digressão.....	87
Tabela 07 – Parênteses.....	89
Tabela 08 – Tipo de marca.....	97
Tabela 09 – Interlocutor que produz a marca de subjetividade.....	102
Tabela 10 – A quem estão voltadas as marcas de subjetividade e intersubjetividade produzidas pelo falante.....	105
Tabela 11 – Grau de envolvimento entre os interlocutores.....	109
Tabela 12 – Relação com o desenvolvimento tópico.....	112
Tabela 13 – Valor de atenuação das marcas de subjetividade e intersubjetividade.....	114

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.2 Tema.....	10
1.3 Justificativa para a escolha do tema.....	10
1.4 Objetivos.....	10
1.5 Hipóteses.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Noção de sujeito.....	12
2.2 Dialogismo.....	17
2.3 Lingüística sistêmica funcional.....	20
2.4 Língua falada <i>versus</i> língua escrita.....	23
2.5 Tópico discursivo.....	27
2.6 A estruturação do enunciado – unidade discursiva.....	29
2.7 Marcadores conversacionais.....	31
2.8 Marcas de contextualização.....	33
2.9 Marcas de subjetividade e intersubjetividade.....	41
3. Metodologia e corpus.....	42
4 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS.....	45
4.1 UNIDADES DISCURSIVAS.....	45
4.1.1 Núcleo.....	47
4.1.1.1 Período simples.....	47
4.1.1.2 Período composto.....	47
4.1.1.2.1 Período composto por coordenação.....	48
4.1.1.2.2 Período composto por subordinação.....	49
4.1.1.2.3 Período composto por subordinação e coordenação.....	49
4.1.2 Margens da UD.....	51
4.1.2.1 Margem esquerda.....	52
4.1.2.1.1 Marcadores conversacionais coesivos.....	52
4.1.2.1.2 Marcadores conversacionais de planejamento verbal.....	54
4.1.2.1.3 Marcadores conversacionais de opinião.....	56
4.1.2.2 Margem direita.....	58
4.1.2.2.1 Marcadores conversacionais fáticos.....	58
4.1.2.2.2 Pós-pensamento ou “afterthoughts”.....	59
4.2 MARCAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	60
4.2.1 Hesitação.....	61
4.2.2 Paráfrase.....	62
4.2.2.1 Concretizadora X desconcretizadora.....	63

4.2.2.2	Enfatizadora X sintetizadora.....	69
4.2.2.3	Epilingüística.....	71
4.2.2.4.	Explicitação do sentido de uma palavra.....	72
4.2.2.4.2	Produção de uma escala sinonímica.....	72
4.2.3	Correção.....	75
4.2.4	Repetição.....	77
4.2.4.1	Repetição para explicar o tópico da nova seqüência e assegurar a coesão das seqüências do discurso.....	77
4.2.4.2	Repetição para enfatizar elementos da sentença.....	79
4.2.4.3	Repetição sintetizadora.....	80
4.2.4.4	Repetição para recolocar no foco detalhes de uma narrativa.....	80
4.2.5	Digressão.....	81
4.2.5.1	Digressão baseada no enunciado.....	82
4.2.5.2	Digressão baseada na interação.....	84
4.2.5.3	Digressão baseada em seqüências inseridas.....	85
4.2.6	Parênteses	87
4.3	MARCAS DE SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE.....	90
4.3.1	Tipo de marca.....	90
4.3.2	Quem produz a marca da subjetividade.....	98
4.3.3	A quem se dirigem as marcas produzidas pelo falante.....	102
4.3.4	Grau de envolvimento.....	106
4.3.5	Relação com o desenvolvimento tópico.....	109
4.3.6	Valor de atenuação.....	112
5.	Conclusão.....	115
6.	Referências bibliográficas.....	118
7.	Bibliografia consultada.....	122

1. Introdução

1.2. Tema

A presença das marcas de subjetividade e de intersubjetividade em textos orais.

1.3. Justificativa para a escolha do tema

O tema, marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos orais, foi escolhido pelo importante papel exercido por essas marcas na construção do texto falado e da interação entre os participantes. A linguagem se constitui na interação entre o “eu” e o “outro”, e a interação é particularmente nítida na conversação, pois nela há trocas contínuas entre os interactantes. Os participantes buscam envolver seus parceiros conversacionais, e há, assim, manifestações seguidas de subjetividade e intersubjetividade. Por meio da conversação, nota-se a presença do “eu” e de sua dependência do “outro” para que haja a interação e conseqüentemente a constituição da linguagem, apresentando as marcas de subjetividade e intersubjetividade. Tais marcas são indispensáveis para a construção de textos falados, como serão estudadas nesse trabalho.

1.4. Objetivos

Esse trabalho tem como objetivo principal o estudo das marcas de subjetividade e intersubjetividade presentes na conversação, ressaltando a importância dessas marcas na interação entre os interlocutores do texto.

Como objetivos específicos, será analisado o corpus, com base nos elementos discursivos-interacionais indicados a seguir:

- Unidades discursivas
- Marcadores conversacionais
- Processos de construção do texto
- Marcas de subjetividade e de intersubjetividade

1.5. Hipótese

Para o desenvolvimento deste trabalho, adota-se como hipótese o fato de as marcas de subjetividade e intersubjetividade exercerem um importante papel na construção do texto falado e no estabelecimento da relação entre os interlocutores. Toma-se por ponto de partida a seguinte afirmação de Galembeck (2002, p. 67) “todo sujeito constitui uma entidade dúplice, já que o ‘eu’ só pode instituir-se como tal em face do ‘outro’”.

A seguir, o trabalho é dividido nos capítulos: referencial teórico, apresentando a noção de sujeito, de dialogismo, de lingüística sistêmica funcional e língua falada; metodologia e corpus; análise das ocorrências, subdividida em unidades discursivas, marcas de contextualização e marcas de subjetividade e intersubjetividade; conclusão e referências bibliográficas. Além dos anexos compostos pelos inquiridos em análise.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Noção de sujeito

O sujeito é o ser que, ao interagir com outro(s), exercita a faculdade da linguagem. Este 'outro(s)' pode ser um indivíduo diverso do primeiro ou o próprio texto, o assunto em questão. A noção de sujeito é fundamental para a compreensão, deste trabalho, no qual a linguagem é considerada o receptáculo da subjetividade.

A noção de sujeito varia conforme a concepção de língua adotada para o estudo. Seguindo as concepções da Lingüística Estrutural, a língua é tida como um código, um simples instrumento de comunicação, em que o leitor/ouvinte tem apenas o papel de decodificar a mensagem de um emissor, e seu papel é passivo. A Análise do Discurso, por sua vez, define o sujeito como "assujeitado". Não é dono de seu próprio discurso, quando dotado de consciência, esta é proveniente do exterior e o sujeito não é responsável pelo que diz. Para Koch (2003, p.14) "Quem fala, na verdade, é um sujeito anônimo, social, em relação ao qual o indivíduo que, em dado momento, ocupa o papel de locutor é dependente, repetidor". Esse sujeito apenas repete o discurso de outrem, reproduz o que já foi dito anteriormente, enganando-se ao pensar que é dono de seu enunciado. O sujeito "assujeitado" é o eco de discursos já enunciados.

Considerando a língua apenas como um instrumento utilizado pelo falante, tem-se um sujeito cartesiano. Neste caso, o sujeito não possui história, ele é "dono de suas vontades e de suas palavras" (KOCH, 2003, p. 14) e a língua é empregada na transmissão de pensamentos de um falante para seu ouvinte, predominando a consciência individual de cada interlocutor.

Neste trabalho, é adotada a concepção de língua enquanto interação social, em que os participantes estão sempre em atividade. Essa atividade é a interação com o outro, realizada por meio da linguagem. Assim, o sujeito, contrariamente às concepções expostas, possui caráter ativo, existindo a partir da interação com o outro, situado em uma sociedade e dotado de uma ideologia.

Morin (1996), antes de concluir a definição de sujeito, caracteriza as noções de autonomia e de indivíduo. A primeira é completamente ligada à dependência que, por sua vez, relaciona-se à noção de auto-organização, “para ser autônomo, é necessário depender do mundo externo” (MORIN, 1996, p. 46), uma vez que o ser vivo depende do exterior para organizar seu próprio comportamento. Quanto à segunda noção, o citado autor caracteriza o indivíduo como um “objeto incerto”, pois, na sociedade, representa o papel tanto de produtor como de produto. São os indivíduos que criam sua linguagem e cultura e, simultaneamente, são influenciados por elas.

Conclui Morin, “a definição de sujeito supõe a autonomia-dependência do indivíduo” (1996, p. 48). O sujeito é considerado autônomo por ser um indivíduo único e ter consciência de sua autonomia. Mas, simultaneamente, ele está relacionado à noção de dependência, afinal, para ser autônomo é necessário depender do mundo externo.

Essa relação de dependência pode ser confirmada por meio da sociedade. O indivíduo não vive isoladamente, ele está em interação com outro(s) indivíduo(s), formando uma sociedade, organizada por meio da linguagem e da cultura de cada povo, numa relação de autonomia-dependência entre os indivíduos. O sujeito só tem

noção de sua autonomia a partir da sua própria consciência e da consciência da existência do outro, ou seja, o indivíduo depende do outro para ser autônomo.

A consciência é fruto do social e do ideológico, é explicada por eles, e não o contrário. Seus principais representantes são a imagem, o gesto significante, a palavra, tendo como base os signos, assim “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 2004, p. 35)

A consciência individual forma uma cadeia ideológica, em que há uma ligação entre uma consciência individual e a do outro. E dessa ligação surgem os signos, além dos já existentes na consciência individual.

[...] Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 1986, p. 14)

Para compreender um signo, é necessário relacioná-lo a outros preexistentes, sua unicidade não existe. O signo não só faz parte de uma realidade, como também refrata e reflete uma outra, e pode “distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico” (BAKHTIN, 1986, p. 12). Um objeto pode apresentar sentidos ideológicos diferentes, de acordo com o campo visado.

O signo é a materialização do interior, é aquilo que está situado fora de si mesmo, assim como o ideológico.

Fiorin (1990) afirma que o conjunto de idéias, as representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele

mantém com os outros homens constituem o que se chama ideologia. Para melhor compreendê-la, Fiorin (1990) ramifica os elementos semânticos em dois níveis, o profundo (invariável) e o de superfície (variável). Esses dois tipos podem ser mais bem compreendidos por meio de um exemplo: os “super-heróis” dos desenhos animados. No nível de superfície, possuem variados poderes (visão de raio-x, capacidade de voar etc), quanto ao nível profundo, o objetivo de todos é único: estabelecer a paz e a segurança na sociedade em que vivem. “É no nível superficial, isto é, na concretização dos elementos semânticos da estrutura profunda, que se revelam, com plenitude, as determinações ideológicas.” (FIORIN, 1990, p. 21), entendendo-se como elementos semânticos da estrutura profunda, os temas (elementos não-presentes no mundo natural) e as figuras (remetem a um elemento do mundo natural).

Mesmo que o indivíduo seja influenciado por uma ideologia, ele tem capacidade de se sobrepor a ela. Segundo Koch (2001), o sujeito possui um *caráter ativo* relacionado à produção do social e da interação entre os indivíduos, a autora defende “a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.” (2001, p.15)

A visão que uma dada sociedade tem do mundo diz respeito à formação ideológica, e essa visão de mundo está relacionada à linguagem. A linguagem é a materialização das representações ideológicas. No entanto, linguagem e ideologia relacionam-se. A ideologia influencia a linguagem e a linguagem permite a veiculação da ideologia.

Para Bakhtin (2002), tudo que é ideológico é um signo, e ambos são correspondentes. Todo signo ideológico representa uma fração da realidade, sendo o signo um fenômeno do

mundo exterior. Os signos se constituem por meio da relação entre indivíduos socialmente organizados, que formam uma unidade social. A partir deste grupo social, há a materialização do signo, ou seja, sua exteriorização. E, por meio dessa materialização, surge a consciência e sua afirmação como realidade. Assim, “[...] a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 2002, p. 35). Os signos constroem-se numa unidade social, dentro do processo de interação verbal.

É a consciência que dá ao sujeito a noção de sua identidade e, conseqüentemente de sua duplicidade, pois, assim como o sujeito, a identidade é dupla. Como assinala Galembeck (2002, p.68), “[...] a noção de identidade também é dupla, pois o indivíduo só a adquire a partir da interação com outros seres.”

A noção de sujeito relaciona-se a dois princípios associados, o de exclusão e o de inclusão, os quais foram estudados por Morin (1996, p. 50). O primeiro concerne ao “eu”, como identidade única e é inseparável do segundo princípio, de inclusão, que integra ao “eu” outros sujeitos, uma vez que o “eu” só existe em função do “outro”.

O sujeito está em contato constante com o outro por meio da linguagem em interação com o social. É influenciado pelo mundo exterior e suas ideologias que concebem a consciência humana representada por signos.

2.2 Dialogismo

O sujeito não existe sem sua presença individual relacionada à presença do outro, pois a consciência do outro está ligada à sua própria consciência. Do mesmo modo, o signo necessita de outro(s) para ser compreendido e a expressão que também depende do outro.

O sujeito é um ser consciente que se expressa por meio de signos, e, inevitavelmente, está em constante interação com o outro.

Essa dependência que o “eu” tem do outro é relativa à linguagem. Para Bakhtin, a linguagem delimita o dialogismo, como assinala Barros (1999):

em resumo, Bakhtin concebe o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Examina-se, em primeiro lugar, o dialogismo discursivo, desdobrado em dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto, o da intertextualidade no interior do discurso. (BARROS, 1999, p. 02)

O dialogismo proporciona um sentido pleno ao discurso, e pode ser melhor compreendido a partir de dois aspectos: a interação verbal e a intertextualidade.

A intertextualidade é definida como o “[...] diálogo entre muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define.” (BARROS, 1999, p. 04). É a inclusão de um texto já produzido pertencente à memória dos interlocutores, no interior de um outro. No dialogismo, a intertextualidade é interna, está presente nas próprias vozes, no “eu” e no “tu”. O “eu” e o “tu” são inseparáveis: um pressupõe o outro.

O dialogismo, por estar relacionado à interação verbal, desloca o conceito de sujeito como centro do processo enunciativo. O centro do processo deixa de ser o sujeito para ser o texto,

que é: a) produto da interação (ou seja, o texto sempre possui uma dimensão dialógica); b) algo que é criado na própria interação (processo). O sentido textual constrói-se na interação verbal e é produto dela, de modo que o falante incorpora as vozes (implícitas ou explícitas) dos demais interlocutores.

Koch (2004, p. XII) define texto como o “*lugar de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos”. Na mesma obra, a autora enumera outras sete concepções de texto: como frase complexa; como signo complexo; como expansão tematicamente centrada de macroestrutura; como ato de fala complexo; como *produto* acabado de uma ação discursiva; como meio específico de realização da comunicação verbal e como *processo* que mobiliza operações e processos cognitivos. Estas últimas concepções não terão relevância neste trabalho.

Para chegar ao sentido de texto adotado nos dias atuais, houve uma evolução na concepção de texto. Primeiramente, em meados da década de 60 e início de 70 (os autores não entram em um consenso exato a respeito da cronologia na passagem de uma concepção para outra), seguia-se a perspectiva da análise transfrástica, que discutia certos conceitos que se situam além dos limites estritos da frase (definitização, anáfora, correlação de tempos, entre outros). Com o tempo, ocorreu uma ampliação do objeto de análise, e por volta da década de 80 chegou-se à construção de gramáticas textuais, privilegiando a coesão e a coerência, descrevendo a competência textual do falante, “as primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato” (MUSSALIM e BENTES, 2003, vol. 1, p. 249). Já nos anos 90, adota-se a teoria de texto, seguindo uma perspectiva sociocognitiva e interacional,

ampliando a análise para uma organização global do texto, incluindo a oralidade e a escrita, além de estudos acerca de gêneros textuais. Neste último momento, o texto é tido como um processo e não mais como um produto acabado, estudado dentro de seu contexto de produção.

Por meio desta última perspectiva, a linguagem possibilita a interação entre o “eu” e o “outro”; ela se cria e se recria na própria interação. Na linguagem, encontram-se as marcas de subjetividade e intersubjetividade, a primeira é definida por Benveniste, citado por Brandão (1998, p. 18), como “a capacidade de o locutor se propor como sujeito de seu discurso e ela se funda no exercício da língua”. Essas marcas são simultâneas e dependentes, pois o sujeito não existe sozinho, depende do outro, é sempre duplo. Para Benveniste (1995), “aquele que fala de si mesmo instala o outro nele e dessa forma se capta a si mesmo (...) a língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele” (1995, p. 84).

A linguagem é fundamentalmente dialógica. O ato do indivíduo que se volta completamente para o ‘eu’, Bakhtin (2004) nomeia de ‘atividade mental do eu’. Este indivíduo é desprovido de ideologia e consciência e se assemelha a um animal, possuindo somente reações fisiológicas. Já aquele que se relaciona em uma sociedade, ‘atividade mental do nós’, é consciente e ideológico, pois está voltado para sua orientação social. “Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior” (Bakhtin, 2004, p. 115).

Bakhtin (2004) serve-se do exemplo da fome para mostrar que a ideologia de um indivíduo varia de acordo com o meio social em que ele está inserido. Um

homem faminto, dependendo do meio em que está inserido, terá reações diversas. Se localizado em um povo, também faminto, pelo acaso, como os mendigos, sua atitude mental propenderá para algumas formas ideológicas como vergonha, resignação etc. Mas, se estiver em um meio em que a fome é uma realidade coletiva, haverá resignação, mas sem vergonha.

2.3 Lingüística sistêmica funcional

Da interação verbal estabelecida entre o “eu” e o “outro” tem-se o princípio do dialogismo, que é trabalhado, em maior ou menor ênfase, em várias disciplinas lingüísticas. Eggins e Slade (1997, p. 21) citam as principais correntes da análise de diálogos espontâneos: perspectivas de base sociológica e etnometodológica (análise da conversação); abordagens sociolingüísticas (etnografia da fala, com ênfase no contexto; sociolingüística interacional, baseada na contextualização do discurso); corrente lógico-filosófica (teoria dos atos de fala: a conversação como uma seqüência de atos de fala; pragmática: máximas do comportamento conversacional); correntes estrutural-funcionais (a escola de Birmingham: especificação da estrutura da troca conversacional; a lingüística sistêmica funcional; interpretação funcional e semântica da conversação; análise crítica do discurso).

Este trabalho segue a corrente estrutural-funcional, a lingüística sistêmica funcional, que trata da conversação como um nível de descrição autônomo e altamente organizado. Segundo Eggins e Slade (1997, p. 72), a lingüística sistêmica funcional é simultaneamente semântica e funcional. Funcional, por apresentar um comportamento determinado relacionado aos modelos conversacionais, e semânticos, pelas conversas serem interpretadas como um processo de produção de significados. A linguagem é vista como um recurso para produzir não apenas um

significado, mas vários significados simultaneamente. São as chamadas “camadas simultâneas de significados”, que podem ser encontradas em todos os níveis de unidades lingüísticas: na palavra, na frase, na oração, na sentença e no texto. Assim, tem-se que uma conversa casual varia semanticamente da unidade ao texto, apresentando três camadas de significação simultâneas e interdependentes.

Os três tipos de significação ou metafunções da linguagem são: o ideacional (significados sobre o mundo, representação da realidade); o interpessoal (significados sobre os papéis e relacionamentos sociais); o textual (significados sobre a mensagem). Além da metafunção da linguagem, as autoras citam a metafunção do contexto que possui três variáveis (campo, modo e teor), que são interdependentes e complementares e apresentam marcas de subjetividade e intersubjetividade. Neste trabalho, dar-se-á ênfase à variante teor, que se refere aos papéis e relações sociais. Eggins e Slade mencionam quatro dimensões da variável teor: 1) relações de *status*, que reconhecem o papel social e atribuem aos colegas interactantes o papel social relevante (exemplo: cliente/vendedor); 2) envolvimento afetivo, as relações interpessoais variam de acordo com o grau de envolvimento afetivo, se há um menor ou maior envolvimento emocional entre os interactantes (exemplo: uma discussão súbita entre um passageiro e o motorista de ônibus sobre passagens, quando uma relação neutra torna-se afetiva por tempo curto); 3) contato, está relacionado ao nível de familiaridade que opera entre os interactantes (tendo como familiaridade a alta freqüência de contatos, que podem ser regular – por exemplo: relações com familiares próximos – ou intermitente; voluntário – quando se escolhe gastar o tempo com outras pessoas – ou involuntário – quando se é obrigado a gastar o tempo com pessoas que seriam preferível evitar, no local de trabalho, por exemplo); 4) orientação para filiação, contribui para estabelecer a identidade social e a imagem recíproca dos interlocutores e pode ser positiva, como participar de um campeonato esportivo, ou negativa, como participar de um grupo de marginalizados.

Este trabalho salienta o papel das funções interpessoal e de contato, pois ambas “indicam de modo direto a presença dos interlocutores e o fato de o discurso estar voltado para o estabelecimento de relações interpessoais” (GALEMBECK, 2002, p. 74), representadas por pronomes e desinências da primeira e segunda pessoas que compõem as marcas mais evidentes das relações dialógicas.

2.4 Língua falada *versus* língua escrita

Por muito tempo, a língua falada foi estudada como o oposto da língua escrita. A primeira era considerada o “lugar do caos”, sem regras, nem limites, e os interlocutores utilizavam-na simplesmente para se comunicarem. Ela era desprovida de informação relevante, pois os produtos de elaboração intelectual e da reflexão eram registrados pela escrita. Atualmente, tal oposição não possui credibilidade para muitos autores. Marcuschi (2001) divide fala e escrita em quatro dicotomias:

- a) *Dicotomia estrita*: procura considerar a língua a partir de si mesma (como estrutura) e não a partir do uso, supervalorizando a escrita.
- b) *Visão culturalista*: busca a essência da escrita *versus* a prática da fala, valorizando a primeira.
- c) *Perspectiva variacionista*: não distingue fala e escrita, mas as variedades lingüísticas. Apesar de representar um progresso, não é isenta de questionamento.

d) *Perspectiva sociointeracionista*: não há oposição entre fala e escrita, pois ambas são estudadas a partir de uma visão dialógica.

Este trabalho segue a perspectiva sociointeracionista, não considerando uma melhor que a outra, ambas (fala e escrita) possuem particularidades que recorrem do próprio uso, formando um *continuum*, como afirma Marcuschi (2001, p. 34)

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques.

Ambas as formas de realização lingüística são igualmente dialógicas. Na fala, porém, o princípio do dialogismo torna-se mais nítido, pois existe a participação conjunta dos interlocutores na construção do texto. Nesse sentido, Fávero, Andrade e Aquino (1999, p. 15) definem conversação como a “atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano”. O tema ou assunto do diálogo constitui o tópico, e no desenvolvimento deste há duas situações prototípicas: os falantes têm igual direito à tomar a palavra e desenvolver o tópico pelo tempo que julgarem necessário (interação simétrica); um dos interlocutores, com consentimento dos demais, assume a palavra e passa a desenvolver o tópico com exclusividade (interação assimétrica).

De modo geral, a língua falada apresenta três características de fundamental importância para seu desenvolvimento. Primeiramente, ela é planejada localmente, não há um planejamento prévio como na escrita, ou seja, é uma “atividade administrada passo a passo” (RODRIGUES, 2001, p. 21), no instante de sua

formulação. Isso lhe confere um caráter fragmentário, encontrado no momento da construção da frase, do enunciado ou da seqüência de assuntos. Há algumas marcas que indicam este planejamento local, como: repetições, pausas, retomadas, interrupções, digressões e hesitações.

Na escrita, existe um planejamento prévio e, o autor tem a possibilidade de planejar seu texto antes de produzi-lo, permitindo correções que não estarão presentes, na versão final e “editada”. É o contrário do que ocorre na língua falada, em que os “andaimes” (pausas, hesitações, repetições, por exemplo) são sempre visíveis.

Ochs (1979) divide o planejamento textual em quatro níveis: falado não planejado, em que não há reflexão e organização antes de expressar o texto (como uma conversa espontânea); falado planejado, quando há um preparo anterior ao texto (exemplo: conferência); escrito não planejado, que dispensa formalidades (bilhete); escrito planejado, neste caso o texto é preparado ao máximo antes de ser expresso (obras literárias).

Outra característica importante da língua falada é o envolvimento entre os interlocutores. Para que haja uma conversa, é necessário que eles estejam de acordo com o tema e que tenha uma sintonia entre os mesmos. É preciso estar centrado tanto no ‘eu’ quanto no ‘outro’, a conversa apresenta marcas de subjetividade e de intersubjetividade que são fundamentais para a sua construção e desenvolvimento.

Chafe (1985) apresenta três classificações para o envolvimento na língua falada. Um deles é o envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa, uma vez

que os falantes precisam estar a par do tema tratado na interação. Há também o envolvimento do locutor consigo mesmo, denominado 'ego-envolvimento', neste caso o locutor refere-se a si próprio expondo opiniões pessoais. E o envolvimento do interlocutor com o ouvinte, afinal, a construção do texto falado é realizada por meio da interação entre os interlocutores.

Finalmente, a língua falada necessita de um contexto partilhado, uma centração verbal que acontece durante a atenção de um ou mais interlocutores, voltada para uma tarefa comum. Na fala, o local e o momento são determinados, já que o contexto é construído conjuntamente por ambos os interlocutores. Já na escrita, o contexto é dado apenas pelo autor, apesar de o leitor não ser passivo, pois ele interage com o texto. A fala está mais presa ao contexto imediato, enquanto a escrita liga-se antes ao contexto sócio-cultural.

Além dessas características, a língua falada apresenta outras que também exercem um papel fundamental na sua construção. Vale ressaltar que as características não são traços definidores, mas traços que se manifestam em maior ou menor grau em uma ou outra forma de realização.

A língua falada relaciona-se ao modo pragmático da linguagem, apresentando características próprias e visíveis no ato comunicativo, como hesitações, truncamentos, pausas, alongamentos de vogais e consoantes, ênfases, repetições, digressões. Essas características não se manifestam na língua escrita, pois nela predomina a estruturação segundo o modo sintático e, ademais, sempre se oferece a possibilidade de revisão antes do texto final. Na língua falada, a reformulação do que foi dito, tanto pelo locutor quanto por seu parceiro, é sempre visível.

O predomínio do modo pragmático, ocorre justamente por a língua falada ser planejada localmente. Ela é produzida em uma interação social, “onde um interlocutor pode mudar todo o seu planejamento por solicitação de outro interlocutor.” (CAMPOS, 1989, p. 205).

A fala, por ser um ato interacional que busca informação na própria consciência e na de seu interlocutor, é mais rápida que a escrita. Esta é mais lenta pelo fato de o ato de escrever ser uma construção mecânica, retardando a produção da mesma.

Na língua falada, há uma idéia de cada vez, considerando que os interlocutores encontram dificuldade em produzir mais de uma simultaneamente. Tais idéias são classificadas de Tópico Discursivo.

2.5 Tópico discursivo

As características da língua falada manifestam-se, de modo direto e evidente, nos enunciados produzidos e acabam por determinar a própria produção dos mesmos. Aliás, é por meio delas que ocorre o desenvolvimento do Tópico Discursivo, também conhecido por “Assunto” ou “Tópico Conversacional”. Para que haja uma interação entre os participantes da conversação, é indispensável um tema, “alguma coisa” para qual a conversa possa ser orientada, que motive a prolongação do evento interacional e que se desenvolva a partir do esforço de cada um dos participantes. Esse elemento é conhecido como Tópico Discursivo, e faz parte do texto oral e os interlocutores se relacionam a partir da presença desse Tópico. Segundo Fávero (2001, p. 39), o tópico é “uma atividade construída

cooperativamente, isto é, há uma correspondência – pelo menos parcial – de objetivos entre os interlocutores”.

A noção de Tópico é muito importante, pois é a partir dela que os estudiosos chegam ao consenso de que os falantes de uma língua sabem que estão falando acerca do mesmo assunto, quando mudam, cortam, criam digressões, retomam etc. Tópico é brevemente definido por Brown e Yule (1983, p. 73) como “aquilo acerca do que se está falando.”

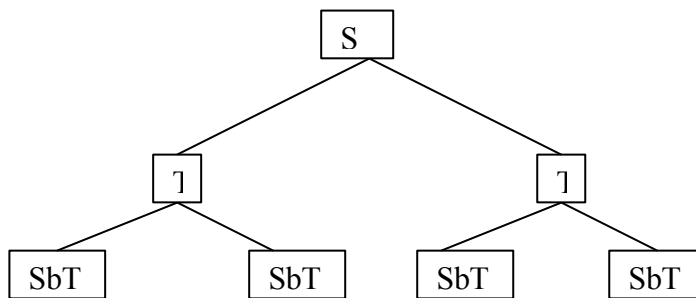
Baseando-se em conversações espontâneas, é possível estruturar o texto oral em: o *tópico* ou *assunto*, por meio do qual os participantes relacionam-se; a *situação*, ou seja, o modo de participação dos interactantes (quase sempre, interação face a face); os *pápeis dos participantes*, que determinam o tipo de fala que será utilizado em uma situação específica; o *modo do discurso* indicador do grau de formalidade do texto, que pode ser maior ou menor de acordo com o contexto; *meio do discurso*, o canal por meio do qual a mensagem é transmitida.

O tópico discursivo apresenta duas importantes propriedades, a centração e a organicidade. A primeira relaciona-se ao assunto ou tópico em andamento, o qual é evidenciado por meio de referentes explícitos ou inferíveis. a centração relaciona-se ao tópico, pois uma nova centração refere-se a um novo tópico. A organicidade diz respeito a diferentes níveis de abrangência no desenvolvimento do tópico e define-se como a relação estabelecida entre os subtópicos, tópicos e supertópico. Os supertópicos representam o maior nível de abrangência, ao passo que os tópicos e os subtópicos apresentam temas mais específicos. Esses três níveis são inter-

relacionados e interdependentes, além disso, eles apresentam um plano linear e um vertical.

A linearidade divide-se em continuidade, em que um tópico se inicia após o fechamento de outro, apresentando início, desenvolvimento e saída identificados por meio de elementos verbais e de traços supra-segmentais; e descontinuidade, em que um tópico é iniciado antes do término de outro. Se houver o retorno ao assunto interrompido, tem-se uma inserção ou digressão, fenômenos que serão discutidos mais adiante, caso não haja retorno, tem-se um corte.

A verticalidade relaciona-se à interdependência entre os tópicos, de acordo com o alcance do assunto, variando do menor (subtópico, SbT) ao maior (tópico, T ou supertópico, ST), organizando um Quadro Tópico, o exemplo a seguir, retirado de Fávero, 2001, p. 47, ilustra o que foi dito.



2.6 A estruturação do enunciado - unidade discursiva

A Unidade Discursiva (UD) também é baseada na noção de tópico, afinal, cada Tópico ou Subtópico Conversacional corresponde a uma UD, que é a sua manifestação formal.

Castilho (1989, p. 253) conceitua unidade discursiva como

um segmento de texto caracterizado semanticamente por preservar a propriedade de coerência temática da unidade maior, atendendo-se como arranjo temático secundário ao processamento de um subtema, e formalmente pode se compor de um núcleo e de duas margens, sendo facultativa a figuração destas.

Castilho ainda assinala que a UD constitui essencialmente uma representação semântica da cena, por isso a segmentação da mesma leva em conta o fato de ela constituir uma particularização do tópico em andamento. Apesar disso, há certos sinais característicos da língua falada que contribuem para a identificação e delimitação da UD, sobretudo os marcadores conversacionais e a pausa.

As unidades discursivas compõem-se de um núcleo e das margens esquerda e direita, sendo facultativa a representação destas.

O núcleo é constituído por uma ou mais de uma oração. Na oração se estabelece a relação entre um argumento externo (sujeito) e os argumentos internos (complementos), tendo por mediador o verbo. O verbo pode vir expresso (oração verbal) ou elidido (oração nominal). Quando a frase possui uma ou mais orações, formando um todo com sentido completo, é chamada de período, que pode ser simples ou composto, dependendo do número de orações. Os períodos compostos são divididos em coordenados e subordinados.

Do ponto de vista semântico, o núcleo da UD, ilustra a articulação tema-rema (ATR), em que o Tema se refere ao tópico, à expressão: 'falar a respeito de', e o Rema se refere ao foco, à expressão: 'dizer que'. A ATR funciona de duas formas, quando há progressão temática, o falante faz avançar as determinações do tema,

teremos a *rematização frástica* e quando não há a progressão temática, o falante se limita a reprisar o que já foi dito, temos a *rematização parafrástica*.

As margens da UD são formadas por elementos de várias naturezas, como: sinais paralingüísticos ou cinésicos (gestos, expressões faciais); suprasegmentos (entoação, pausas); elementos segmentais (expressões não-lexicalizadas, elementos lexicais, proposições). Esses elementos se encontram ao redor do núcleo e, algumas vezes, no interior do mesmo.

As margens diferem em suas funções, fato que decorre da organização do texto falado e às relações entre interlocutores. Quanto à margem esquerda, além de assinalar o início da UD, é freqüentemente representada por um marcador conversacional, que tem por função introduzir ou “preparar” os enunciados contidos no núcleo da UD. Já a margem direita “tem um papel interacional e, assim, volta-se para o contato com os demais interlocutores.” (GALEMBECK, 2003, p. 231).

2.7 Marcadores Conversacionais

Os marcadores conversacionais são representados por elementos de diversa natureza, complexidade semântico-sintática, estrutura, que, falsamente, demonstram nenhuma importância ao texto, mas são fundamentais na construção do texto falado e para uma melhor compreensão. Urbano (apud MARCUSCHI 1989, p. 282) assim conceitua os marcadores conversacionais.

Esses elementos, típicos da fala, são de grande freqüência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus

interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal. Por marcarem sempre alguma função interacional na conversação, são denominados **marcadores conversacionais**.

Os marcadores conversacionais podem ser divididos, quanto ao aspecto formal, em lingüísticos ou não-lingüísticos. Os primeiros dividem-se em dois grupos, os prosódicos, representados por pausas, alongamentos, entonação, mudança de ritmo e de altura e os verbais, classificados em lexicalizados (*sabe?, eu acho que*) e não-lexicalizados (*ahn ahn, éh*). Quanto aos não-lingüísticos ou paralingüísticos, tem-se o olhar, risos, meneios de cabeça, gestos.

Ainda relacionado à forma, os marcadores conversacionais podem se dividir em simples (*sabe?*) ou compostos, complexos (*quer dizer, no fundo*) e em oracionais (*você sabe*) ou combinados (*mas você sabe*)

Os marcadores conversacionais salientados neste trabalho são: marcadores conversacionais lexicais (léxicos que possuem marca de pessoa – *entende?, viu?, sabe?* etc); marcadores conversacionais coesivos (ligam um tema ao outro, dando continuidade ao assunto – *bem, então, olha*); marcadores conversacionais proposicionais (as marcas de pessoa são mais evidentes que as dos marcadores conversacionais lexicais – *acho que, você sabe, eu creio, você não acha?* etc); marcadores conversacionais não-lexicalizados, utilizados para o planejamento verbal (não possuem marcas de pessoa, mas têm valor fático – *éh!, ah!, uhn!* etc); marcadores conversacionais que denotam concordância ou assentimento (*né?, certo?* etc); marcadores conversacionais de valor fático (*certo?, está claro?*); marcadores conversacionais de busca de aprovação discursiva (*né?, entende?*,

sabe? etc); marcadores conversacionais de opinião, com valor de atenuação (utilizado para diminuir a força ilocutória do enunciado, o interlocutor manifesta dúvida, incerteza – *acho que, eu não sei se* etc). Cabe ressaltar que essas funções geralmente aparecem sobrepostas, e isso se deve ao caráter multifuncional dos marcadores.

2.8 Processos de construção do texto

Os textos falados e escritos são construídos por meio de propriedades lexicais que podem ser ativadas, reativadas e desativadas. Estas construções não ocorrem separadamente

(...) nosso cérebro não processa a língua num ritmo unilinear, aplicando instruções seqüenciadas. Ao contrário, ele deve ativar *ao mesmo tempo* conjuntos de regras semânticas e gramaticais, avançando, voltando atrás, e até mesmo abandonando atividades de processamentos que estavam em pleno curso. (CASTILHO, 2004, p. 57)

assim, tem-se:

- *Construção por ativação*: é a introdução de um tópico discursivo não mencionado anteriormente e o desenvolvimento do mesmo por meio das unidades discursivas.
- *Construção por reativação*: é a retomada de um tópico discursivo já citado.
- *Construção por desativação*: é a introdução de um novo tópico discursivo, desativando o anterior.

Por meio dessas construções, surgem processos característicos de textos orais e escritos, como paráfrase, parênteses, correção, hesitação, repetição, digressão. Esses processos serão estudados neste trabalho apontando como a subjetividade e a intersubjetividade se manifestam no texto falado por meio de tais processos.

O falante, no ato conversacional, tem como objetivo produzir reações em seu ouvinte. Este objetivo não é planejado anteriormente à fala, mas momentaneamente, construir o texto é também planejá-lo. Este planejamento local, característico de textos falados, ocasiona 'descontinuidades', pelo fato de o falante encontrar dificuldades em formular enunciados imediatos e categóricos.

Alguns problemas provêm de descontinuidades e são classificados como prospectivos ou retrospectivos. Naqueles, o falante percebe o problema anteriormente à sua formulação e nos retrospectivos, no momento em que já estão inseridos na formulação.

Problemas prospectivos ocasionam as *hesitações*, em que o desenvolvimento da formulação é interrompido e preenchido com pausas, alongamentos, possibilitando ao falante tempo para reformular seu pensamento sem ser interrompido por seu ouvinte. Os problemas retrospectivos acarretam *paráfrase* ou *correções*, nesta, o falante extingue, em parte ou totalmente, o enunciado anterior, contrariamente de *paráfrase*, que mantém a *relação de equivalência* semântica, com o enunciado matriz. A paráfrase é retrospectiva (volta-se para o já dito), enquanto a correção é prospectiva (busca a melhor formulação).

Paráfrase e *correção* são atividades de reformulação textual que têm “por objetivo levar o interlocutor a reconhecer a intenção do locutor, ou seja, procuram garantir a **intercompreensão** na conversação ou em qualquer outro tipo de texto” (BARROS, 2001, p. 137). Essa preocupação com a intercompreensão, aliás, auxilia a interação do texto, representando marcas de subjetividade e de intersubjetividade. Essas atividades de reformulação apresentam enunciado de origem (EO) e enunciado reformulador (ER), algumas apresentam *marcador de reformulação*, que pode ser representado por: expressão verbal, paralelismo sintático, manifestação suprasegmental ou paralingüística (pausa, mudança de ritmo na articulação, diminuição na altura ou no volume da voz).

Distinguir *correção* de *paráfrase* pode ser uma tarefa difícil, pelo menos em alguns casos. A principal diferença entre ambas é semântica. Enquanto a *paráfrase* apresenta relação semântica de equivalência, a *correção* possui traços semânticos opostos. Na *correção*, o enunciado reformulador é prospectivo ao de origem, já na *paráfrase*, é retrospectivo. Quando não for possível assinalá-las, o reconhecimento da reformulação já será de grande acuidade.

A *correção* é um processo utilizado pelo interlocutor, a fim de melhorar seu texto, eliminando sinais indesejáveis que dificultem a compreensão da interação,

em suma, a correção deve ser entendida como um procedimento de reelaboração do discurso, com o fim de torná-lo mais “correto” ou “adequado”, segundo o ponto de vista de um ou ambos os participantes do diálogo, para, dessa forma, levar o interlocutor a reconhecer a intenção do falante e garantir a intercompreensão na conversação. Em outros termos, tornar o discurso mais “correto” é um meio de assegurar a compreensão no diálogo. (BARROS, 2001, p.139)

As *correções* apresentam funções características. Adequação informativa e precisão referencial são acentuadas por meio dessas marcas, uma vez que há a preocupação em ser mais bem compreendido pelo “outro”. Na fala, a intenção enunciativa e pragmática são mais acentuadas, e a correção colabora para este fim. Lembre-se, a esse respeito, os objetivos interacionais, que são evidenciados com o uso da correção, que adequa o texto à necessidade do “outro”. Todos os processos de construção do texto falado são voltados para a interação.

A *paráfrase* retoma um enunciado já produzido, conservando seu sentido por meio de palavras diferentes do enunciado matriz. Hilgert (2001, p. 111) define-a como um “enunciado que reformula um enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica.”. A *paráfrase* pode ser estudada sob um ângulo conversacional ou textual. O primeiro estuda a mesma como um mecanismo de manutenção ou ataque ao turno tal qual o estudo a seguir, baseado no texto de Hilgert (2001).

Segundo Hilgert (2001), a *paráfrase* é dividida em três ângulos. De acordo com o primeiro, por meio do aspecto distribucional, divide-se as paráfrases em adjacentes e não-adjacentes. Nas adjacentes, o ER segue imediatamente o EO, e resolve de pronto problemas interacionais e de ordem temático-argumentativa e busca de adequação vocabular na construção de enunciados. Nas paráfrases não-adjacentes, o ER se manifesta mais adiante, a estrutura dos tópicos conversacionais é mais longa, assegurando a abordagem temática.

O próximo aspecto é o operacional, esquematizado a seguir:



- 1- O falante parafraseia seu próprio enunciado.
- 2- O falante parafraseia o enunciado produzido por outro.
- A- Desencadeada por quem produz o enunciado.
- B- Desencadeada por um e produzida por outro interlocutor.

A construção *1A* garante ao ouvinte a compreensão dos enunciados, considerando que é o próprio falante quem tem a iniciativa de parafrasear o próprio enunciado. Na construção *2A*, evidencia-se a ação convergente dos interlocutores na co-elaboração do texto conversacional, assegurando mutuamente a intercompreensão. A formação de *1B* atenta-se para a preocupação do interlocutor com o assunto em questão, mas a retomada é feita pelo próprio falante. Em *2B*, tem-se a retomada do ouvinte, que também inicia a reformulação parafrástica.

Sob o ângulo textual, Castilho (2004) define *paráfrase* como “uma repetição de conteúdos que, precisamente por terem sido repetidos, acrescentam-se semanticamente, e nesse sentido, mudaram” (p. 75). O citado autor menciona três tipos de *paráfrase*:

- *Paráfrase concretizadora* (focaliza o tópico) *versus desconcretizadora* (desfocaliza o tópico);

- *Paráfrase expansiva* (amplia a informação) *versus sintetizadora* (força o encerramento do tópico, utilizando marcadores como 'então, em suma' e verbos introdutórios de opinião);
- *Paráfrase enfatizadora* (ênfatisa a informação) *versus atenuadora* (atenua o enunciado) ;
- *Paráfrase epilingüística* (separada em explicitação do sentido de uma palavra e produção de uma escala sinonímica)

Obtém-se, assim, nova definição para paráfrase:

atividade lingüística de reformulação, por meio da qual se estabelece entre um enunciado de origem e um enunciado reformulador uma relação de equivalência semântica, responsável por deslocamentos de sentidos que impulsionam a progressividade textual. (HILGERT, 2001, p. 115)

Outro processo de reativação é a *repetição*, em que um enunciado, expressão ou palavra já produzidos são reiterados no texto. Segundo Marcuschi (1997, p.95), a reiteração contribui “para a organização discursiva e a monitorização da coerência textual; favorece a coesão e a geração de seqüências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas”. Essas características são fundamentais para garantir a subjetividade e intersubjetividade em textos orais.

Perini (1980) e sua orientanda de mestrado, Jânia Ramos, classificaram algumas motivações discursivas de repetição, as quais serão discutidas neste trabalho. As motivações são (a) repetição de uma expressão matriz para mencionar

o novo assunto e garantir sua coesão; (b) repetição para realçar elementos; (c) repetição para abreviar o enunciado; (d) repetição para salientar pormenores importantes para a compreensão de determinado tópico.

Em relação à construção por desativação, encontra-se o fenômeno da *digressão* que “pode ser definida como uma porção da conversa que não se acha diretamente relacionada com o tópico em andamento” (Fávero, 2001, p. 50). Na *digressão*, o tópico em andamento é desviado brevemente para ser retomado em seguida sem ocasionar descontinuidade na interação conversacional. Esse retorno ao tópico desviado pode ser marcado pela presença de elementos coesivos, como marcadores conversacionais e repetição. A presença da *digressão* é importante para o desenvolvimento do tópico discursivo, uma vez que busca produzir certos efeitos de sentido, além de constituir uma marca de intersubjetividade.

Seguindo a classificação de Dascal e Katriel (1982), a *digressão* pode ser dividida em:

- **Digressão baseada no enunciado** – apresenta relação de conteúdo (semântico ou pragmático) entre o enunciado principal e o digressivo. A digressão pode iniciar-se ou encerrar-se com marcadores conversacionais como: *a propósito...*, *por falar nisso...*, *já que você mencionou isso...*
- **Digressão baseada na interação** – esse tipo de digressão não apresenta relação de conteúdo com o tópico. Adequa-se ao fluxo conversacional por situar-se ao contexto, ou por ruído externos, ou por alguma distração, tal como a chegada de uma pessoa.

- **Digressão baseada em seqüências inseridas** – essa variação de digressão está relacionada à variedade de atos de fala corretivos, esclarecedores, informativos etc. Geralmente a seqüência inserida é ativada pelo ouvinte, tentando compreender um enunciado anterior.

Outro processo de desativação são os *parênteses*, que se diferenciam da *digressão* por não introduzirem um novo tópico. Eles apenas complementam ou suprem (de forma lateral ou indireta) o tópico em andamento, assim, possuem menor extensão textual. Com efeito, os *parênteses* representam uma ruptura parcial na seqüência tópica, mas, mesmo assim, têm um papel relevante na construção do texto falado e no estabelecimento das relações interpessoais, pois se voltam para a elaboração tópica do texto, para os interactantes ou para o ato comunicativo em si.

Neste trabalho, é adotada a definição de Jubran (1996), que toma os *parênteses* “como breves desvios do quadro de referência tópica do segmento contextualizador que não afetam a coesão da unidade discursiva dentro da qual ocorrem, pois não promoveriam cisão do tópico em porções textuais nitidamente separáveis, visto que a sua interação é momentânea e a retomada, imediata.” (p. 345).

Os processos de construção do texto são essenciais para a formulação do texto falado, uma vez que apresentam marcas de subjetividade e de intersubjetividade, pois estão a todo o momento colaborando para uma maior interação entre os interlocutores e entre estes e o próprio texto.

2.9 Marcas de subjetividade e de intersubjetividade

As marcas de subjetividade e intersubjetividade serão estudadas a partir de seis tipos de variáveis baseado em Galembeck (2002): a) tipo de marca dos indicadores de interpessoalidade; b) quem produz a marca de subjetividade (falante, ouvinte ou discurso reportado); c) a quem se dirigem as marcas produzidas pelo falante (marcas autocentradas ou heterocentradas); d) grau de envolvimento entre os interlocutores; e) relação com o desenvolvimento; f) valor de atenuação das marcas, pode ser empregada ou não com valor de atenuação.

As marcas de subjetividade e intersubjetividade são representadas por meio de verbos e pronomes nas primeira e segunda pessoas, tanto no singular quanto no plural, e também por meio de marcadores conversacionais.

3. Metodologia e corpus

Neste trabalho, será adotada a linha de pesquisa empírico-indutiva, pelo fato de a língua falada apresentar um planejamento local, excluindo, assim, o uso de um

modelo formal previamente estabelecido baseado unicamente em categorias pré-estabelecidas. Os modelos devem ser estabelecidos a partir dos dados obtidos, pois a conversação parte de dados empíricos obtidos em situações reais.

Partindo de análises de textos orais, este trabalho será realizado com base nas seguintes categorias: unidades discursivas (núcleo, margem direita e margem esquerda); marcadores conversacionais (marcadores de planejamento verbal, marcadores de opinião, marcadores de valor fático, pós-pensamento); processos de construção do texto (hesitação, paráfrase, parênteses, correção, repetição, digressão); marcas de subjetividade e intersubjetividade (tipo de marca, quem produz a marca de subjetividade, a quem se dirigem as marcas produzidas pelo falante, grau de envolvimento, relação com o desenvolvimento tópico, valor de atenuação).

O corpus de análise é composto por quatro inquéritos (20 minutos de cada inquérito), retirados do Projeto NURC. O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC) surgiu com o intuito de privilegiar a linguagem padrão das grandes comunidades urbanas e não mais o falar residual de pequenas comunidades como ocorria anteriormente. Após várias reuniões entre os lingüistas responsáveis, decidiu-se que seriam contempladas mais de uma capital do país pelo seu policentrismo cultural. O Projeto tem como objetivo “documentar e descrever a norma urbana objetiva do português falado culto, isto é, o uso lingüístico concreto, correspondente ao dialeto social praticado pela classe de prestígio cultural” (CASTILHO, 1990, p. 146)

No Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta encontram-se transcrições de gravações em forma de elocuições formais, diálogos e entrevistas, realizados em cinco capitais brasileiras: São Paulo (Projeto NURC/SP), Rio de Janeiro (Projeto NURC/RJ), Porto Alegre, Recife e Salvador. Neste trabalho constam inquéritos do tipo diálogo entre dois informantes e elocuições formais, de números 062, 343, e 356, 405 respectivamente, retirados do Projeto NURC/SP e NURC/RJ, tais inquéritos foram selecionados por apresentarem maior interação.

O inquérito 062 (NURC/SP) tem como temas: tempo cronológico, instituições, ensino, profissões, e apresenta dois locutores; locutor 1 (L1), homem de 26 anos, solteiro, vendedor, paulistano e pais paulistanos; locutor 2 (L2), homem, também 26 anos, solteiro, estatístico, paulistano, pais paulistanos. O inquérito 343 (NURC/SP) apresenta os temas a cidade e o comércio, tendo como locutores dois irmãos; locutor 1 (L1), homem de 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos e locutor 2 (L2), mulher de 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos.

Quanto às elocuições formais, tem-se o inquérito 356 (NURC/RJ) com os temas criatividade e redação no nível superior de ensino e a informante do sexo feminino, 30 anos, formação universitária: Letras, carioca, pais cariocas, área residencial: Zona Sul. O inquérito 405 (NURC/SP) apresenta o tema a arte pré-histórica: o paleolítico (aula de curso secundário), com a informante do sexo feminino de 36 anos, desquitada, professora secundária, paulistana, filha de pais brasileiros.

Para um melhor entendimento dos exemplos retirados dos inquéritos em análise, encontra-se, nem anexo, as normas para transcrição.

Cada categoria estabelecida virá acompanhada de dois ou três exemplos, por ser uma quantidade suficiente para a compreensão da mesma, selecionados por apresentarem maior evidência percentual em cada divisão.

4. ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS

4.1 Unidades discursivas

Cada inquérito foi dividido de acordo com os supertópicos, tópicos e subtópicos. Para identificar os subtópicos identificaram-se as unidades discursivas

(UDs) e, a partir delas, foi feita a análise. A seguir, a tabela exemplifica a divisão de algumas unidades, que são separadas em relação ao assunto tratado, visualizando a análise.

Exemplo 01 (críticas a escritores e suas obras)

	<p>que Osman Lins faz... é justamente... o fato de os alunos serem atraídos NÃO pelo... hábito de ler... NÃO... pelo texto em si... não pela língua que eles vão manipular... e que eles vão usar pela vida a fora e sem eles são atraídos pelo que é mais fácil.. o que é mais digerível...</p>	
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

(Inquérito 356, linhas 180-202)

O inquérito 356, elocução formal, tem como tema central a “criatividade e redação no nível superior de ensino”. Nas três unidades salientadas no exemplo, a informante faz críticas a alguns escritores e suas obras. As unidades estão com tais enumerações para facilitar a análise. Na unidade discursiva **1**, a interlocutora

comenta o livro de Maria Helena Silveira, na UD 2, o de Ada Rodrigues e, na 3, o artigo de Osman Lins.

Assim, é possível esquematizar o inquérito em um quadro tópico que tem como supertópico o tema central, um dos tópicos as críticas aos escritores e subtópicos os assuntos mais específicos de cada unidade analisada nesta tabela. Os demais tópicos encontram-se no decorrer do inquérito.

A partir da divisão das unidades, estudou-se o seu núcleo, localizando os tipos de períodos constituintes de cada UD. Em seguida, focalizaram-se as margens esquerdas apontando os marcadores nela presentes e suas funções. Finalmente, as margens direitas, compostas por marcadores e pós-pensamento.

Além de um estudo qualitativo, será feito um levantamento quantitativo, com finalidade de determinar a frequência dos componentes da UD.

4.1.1 Núcleo

O núcleo da UD pode ser composto por período simples, em que há apenas uma oração; período composto, em que encontram-se duas ou mais orações, dividindo-se em composto por coordenação, por subordinação ou por ambas.

Quando preenchidas por períodos compostos, as UD's são mais complexas, apresentando uma melhor elaboração do enunciado, facilitando a interação entre os interlocutores, uma vez que o assunto tratado estará mais organizado.

4.1.1.1 Período simples

Período simples é aquele constituído por apenas uma oração. As UD's compostas por períodos simples são as menos comuns, comprovando a preocupação do locutor em não formular períodos que possam dificultar ou dubitar a compreensão do interlocutor. Nos inquéritos analisados, não houve ocorrência.

4.1.1.2 Período composto

O período composto é uma frase organizada em mais de uma oração. Dependendo de como as orações se relacionam, pode-se ter período composto por coordenação, por subordinação ou por ambas.

4.1.1.2.1 Período composto por coordenação

Quando composto por coordenação, a frase é formada exclusivamente por orações coordenadas, isto é, orações independentes sintaticamente, que não exercem nenhuma função sintática uma em relação à outra oração.

Os exemplos 02, 03 e 04, a seguir, possuem núcleos constituídos por períodos coordenados.

Exemplo 02 (a informante comenta uma fuga do cotidiano)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
agora	neste momento eu vou trabalhar com barro vou fazer minhas criações ou eu vou pintar um quadro... ou eu vou fazer uma::... Jóia...	certo?

(Inquérito 405, linhas 161-163)

Exemplo 03 (informação sobre uma amiga de L2)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
L2	uma amiga minha que faz medicina e ela vai sempre para o Xingu,... no campus avançado da da Paulista	né?

(Inquérito 343, linhas 733-734)

Exemplo 04 (L1 comenta a falta de pesquisa)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
então	realmente talvez sê/seja o motivo... e ele realmente está fugindo um pouco quem sabe a::a a técnica vá... vá ressentir a falta desses elementos	(certo?)...

(Inquérito 62, linhas 580-583)

4.1.1.2.2 Período composto por subordinação

O período composto por subordinação é formado por oração principal e oração subordinada, que possui relação sintática com a principal.

Os núcleos dos exemplos 05 e 06 abaixo são formados por períodos subordinados. Esses períodos permitem uma maior interação entre as orações, uma

vez sendo subordinadas, e também entre o locutor e o próprio texto, possibilitando a produção de um texto mais complexo, dificultando a mudança de tópico e a interrupção de seu interlocutor. Afinal, nos períodos estruturados por subordinação, há orações encaixadas que exercem uma dada função sintática nas orações principais.

Exemplo 05 (L2 comenta as profissões que estão mais saturadas no mercado)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
L2 inclusive	eu li ainda há poucos dias que:... Psicologia... Economia... e Medicina estão:... os campos estão saturados	

(Inquérito 62, linhas 570-572)

Exemplo 06 (o interlocutor comenta o envolvimento do homem com o computador)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
	L1 no colégio... normalmente tem muitas professoras que ficam batendo nos alunos para não deixar... se envolver por máquinas et cetera	né?

(Inquérito 343, linhas 816-818)

4.1.1.2.3 Período composto por subordinação e coordenação

Neste período, encontram-se orações subordinada(s) e coordenada(s), como é possível verificar nos exemplos 07, 08, e 09.

Unidades discursivas compostas por períodos coordenados e subordinados, simultaneamente, caracterizam-se por uma maior interação entre o locutor e seu texto, uma vez que períodos subordinados apresentam orações dependentes, e entre o locutor e seu interlocutor, pelo fato de os períodos coordenados serem formados por orações independentes entre si, tornando a conversação mais dialógica.

Exemplo 07 (comentário dos animais existentes na Idade Média)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
------------------------	---------------	-----------------------

	((interferência de locutor acidental))... exatamente porque naquela época... o que existia eram os bisontes e os mamutes também ... alguns mamutes... mamute... vem a ser... o bisavô... do elefante... ((risos))...	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

(Inquérito 405, linhas 145-150)

Exemplo 08 (L1 comenta a importância do computador)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
Então	não importa... no caso porque isso ainda:: está no meio termo mas vai chegar uma hora digamos que... que tem quase tudo se fazendo por computador o cara aprende como fazer mas::...	(certo?..)..

(Inquérito 343, linhas 887-890)

Exemplo 09 (comentário a respeito da descontextualização do ensino no curso de Letras)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
então... ou seja	o que acontece é que em vez de se ampliar... pertinentemente o âmbito do ensino... o que está ocorrendo nos nossos alunos é uma fragmentação do ensino... ele perde a noção do todo... e fica com u série... de aspectos teóricos... isolados... que ele não sabe vincular à realidade nenhuma de seu idioma	

(Inquérito 356, linhas 243-249)

Tabela 01 – tipos de períodos da UD

Inquérito	405 (EF)	356(EF)	343 (D2)	062 (D2)
PS	0%	0%	0%	0%
PCC	31%	13%	21%	40%
PCS	0%	3%	4%	12%
PCCS	69%	84%	75%	48%

PS = Período simples

PCC = Período composto por coordenação

PCS = Período composto por subordinação

PCCS = Período composto por coordenação e subordinação

Por meio da tabela 01, é possível verificar o predomínio de períodos compostos por coordenação e subordinação em todos os inquéritos analisados, fato

que caracteriza enredamento gramatical caracterizando a língua falada como um evento bastante complexo. Vem a seguir os períodos compostos por coordenação, cuja estruturação linear facilita, ao mesmo tempo, o entendimento e a tomada de turno pelo ouvinte. Em menor porcentagem, aparecem os períodos compostos apenas por subordinação. Essa diferença dá-se pelo fato de esses períodos dificultarem a tomada de turno. E, sem qualquer ocorrência nos inquéritos em análise, têm-se os períodos simples, que, por serem curtos, estão excessivamente presos a um contexto determinado.

4.1.2 Margens da UD

As margens da UD são divididas em margem esquerda e margem direita e sua presença é facultativa. São compostas por elementos de natureza diversa, como: sinais paralingüísticos ou cinésicos (gestos, expressões faciais); suprasegmentos (entoação, pausas); elementos segmentais (expressões não-lexicalizadas, elementos lexicais, proposição); marcadores conversacionais. Esses elementos estão localizados ao redor do núcleo e, às vezes, em seu interior. Neste trabalho, dar-se-á ênfase aos marcadores conversacionais.

4.1.2.1 Margem esquerda

A margem esquerda tem a função de assinalar o início da unidade discursiva e, inúmeras vezes, é representada por marcadores conversacionais que possuem a função de introduzir ou “aprontar” os enunciados pertencentes ao núcleo da UD. Na margem esquerda, encontram-se três tipos de marcadores conversacionais: marcador conversacional coesivo, de planejamento verbal e de opinião. Tais

marcadores são voltados para o próprio falante, buscando uma interação entre o mesmo e o texto.

4.1.2.1.1 Marcadores conversacionais coesivos

Os marcadores conversacionais coesivos têm a função de ligar um tema ao outro ou dar continuidade ao assunto, como nos exemplos a seguir:

Exemplo 10 (a informante comenta a arte na idade média)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
	não estou colocando nadinha de novo (no tema)... nada de original...	certo?
<i>bem... então:... olha</i>	a partir disto nós vamos poder entender... qual o tipo de arte que se desenvolveu porque se eu quero criar... (...)	

(Inquérito 405, linhas 288-291)

No exemplo 10, a interlocutora está desenhando um gato para exemplificar os desenhos da Idade Média, que não se preocupavam com a estética, mas com a naturalidade, uma vez que queriam replicar a realidade. Diz que não acrescentou nada de novo ao desenho e continua o assunto explicando sua importância. Para continuar o tópico que estava em andamento antes de esclarecer o retrato do gato, utiliza-se dos marcadores *bem*, *então* e *olha*.

Exemplo 11 (comentário a respeito das dificuldades profissionais em várias áreas)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
L1	o médico hoje em dia ele está... se sujeitando mui::to... a empre...gos tal... a situação do médico eu acho que está... bastante difícil	
Doc. mas L2 eu creio L1 <i>olha</i>	dificuldade existe mesmo com as especializações que existe... mesmo com as especializações as que	

<i>então por exemplo</i>	dão dinheiro... posso te citar se você... diz que... otorrino... é uma coisa que dá dinheiro... psiquiatria dando fortunas...	certo?... (...)
--------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------

(Inquérito 62, linhas 662-669)

Por meio do exemplo 11, é possível certificar o marcador conversacional coesivo *mas* ligando uma unidade discursiva a outra dando continuidade ao assunto: dificuldade profissional. Em seguida, encontram-se os marcadores *olha* e *então por exemplo* unindo, na mesma UD, o argumento especializações.

Exemplo 12 (a informante sugere uma forma de correção de textos)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
	(...) o professor sugeriria um bom dicionário... que não se sugira o do MEC... que saiu agora uma reportagem contra do Silveira Bueno... que se sugira um outro...	né? né?
<i>bem... por exemplo... então...</i>	em segundo lugar... o problema de concordância... número dois seria concordância... em vez de colocar a concordância correta... o professor colocaria a... a fonte de pesquisa... (...)	

(Inquérito 356, linhas 343-347)

O exemplo 12 apresenta o marcador *bem* que está retomando um tópico que já havia sido iniciado anteriormente. A locutora enumera três etapas para correção de textos, após explicar a primeira, faz algumas observações e retoma a enumeração. Os demais, *por exemplo* e *então*, ligam o assunto na mesma UD.

A presença desses marcadores nas margens esquerdas colabora para uma melhor compreensão do assunto, por não permitir que o mesmo se dissolva.

4.1.2.1.2 Marcadores conversacionais de planejamento verbal

Os marcadores conversacionais de planejamento verbal são representados por interjeições que dão tempo ao interlocutor de formular seu pensamento, impedindo que o outro o interrompa.

Exemplo 13 (L1 e L2 discorrem sobre as áreas profissionais que apresentam melhor retorno)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
<p>L2 (...)ah mas</p> <p>L1</p> <p>então</p> <p>L2 ah mas</p>	<p>tem engenheiro civil sobrando aí com todas essas facilidades do BNH aí... está todo mundo comprando casa própria...</p> <p>os engenheiros estão levantando prédios aí que não acaba mais... você não está vendo isso?</p> <p>você vê quem é que... quem é que está levantando... quem é que você vê levantando... é sempre aquela mesma... empresa (...)</p>	<p>hein</p>

(Inquérito 62, linhas 682-689)

No exemplo 13, os marcadores conversacionais *ah* dão tempo ao interlocutor de formular sua fala, ao lado de *mas*, que possibilita um tempo maior para a elaboração do pensamento.

Exemplo 14 (o interlocutor fala da mudança nos estudos depois do surgimento do computador)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
	L1 acontece o seguinte... quando eu	

<i>éh</i> :... <i>éh</i> :... L2 ahn	estudei tive que... aprender uma série de métodos de... cálculo dimensionamento de pontes	
---------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------	--

(Inquérito 343, linhas 858-860)

Por meio do exemplo 14, é possível certificar a procura do interlocutor da palavra apropriada, utilizando-se, duas vezes seguidas, de marcadores conversacionais de planejamento verbal, *éh*, para então encontrar o termo adequado.

Exemplo 15 (crítica a livros didáticos)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
bom	nesse ponto... nós vamos chegar a um ponto agora... eu ainda teria muito a dizer... sobre... o... os livros didáticos que me parecem...	
<i>éh</i> ...	bons na intenção... mas bastantes deficientes na realização...	
<i>éh</i> ...	o que me parece que fica...	

(Inquérito 356, linhas 272-276)

Na unidade discursiva do exemplo 15, verifica-se a presença dos marcadores *éh*, auxiliando a formulação do enunciado, impedindo que o interlocutor interrompa o falante.

4.1.2.1.3 Marcadores conversacionais de opinião

Os marcadores conversacionais de opinião expressam um valor cognitivo, em que o falante expressa sua opinião em relação ao assunto.

Exemplo 16 (L2 discute os meios de alcançar um cargo)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
L2 (...) <i>eu acho que::</i>	hoje em dia não basta você somente ser... capacitado porque:: tem muita gente que... não tantas qualidades quanto determinados.. com; competidores em determinados cargos e::... na hora do escolher... vem você porque é meu amigo...	certo? é isso que eu acho
<i>eu acho que também</i>	existe um pouquinho do... do relacionamento... da pessoa...d a apresentação do indivíduo dentro de determinada organização... isso você (...)	

(Inquérito 62, linhas 624-632)

No exemplo 16, L2 expressa duas vezes consecutivas sua opinião acerca do assunto em questão e para isso utiliza-se do marcador conversacional *eu acho que*, explicitando seu juízo.

Exemplo 17 (a interlocutora comenta como e por que ela acha que surgiram as especializações)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
L2 <i>ah eu não sei...acho que::eu... sabe... aí eu acho que</i>	o... não mudou muita coisa... se você pensar... assim numa época em que... por exemplo... o trabalho era bem artesanal... você tinha o sapateiro... o:: ((tosse)) (cocheiro) não sei quê não sei quê todo mundo muito em simbiose muito dependendo um dos trabalhos dos outros... a especialização veio com... com a diferenciação humana...	né?
então		
<i>acho que</i>		

(Inquérito 343, linhas 935-943)

O exemplo 17 demonstra a dúvida do locutor em expressar sua opinião, repetindo, inicialmente, o marcador *acho que*, duas vezes sucessivas, além de reproduzi-lo novamente no final do exemplo.

Exemplo 18 (introdução a uma citação de Samir Curi Messerani sobre os meios de comunicação de massa)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
<i>que eu acho excelente</i>	e isto é desejável porque como diz o... o Samir... o... o Samir Curi Messerani... que é o autor de uma série didática chamada "Criatividade" visando ao ensino de redação... (...)	

(Inquérito 356, linhas 217-220)

O marcador conversacional *eu acho excelente*, expresso no exemplo 18, possui valor depreciativo, em que o falante expõe claramente sua opinião acerca do assunto já acompanhada de uma depreciação.

4.1.2.2 Margem direita

A margem direita volta-se ao ouvinte e preocupa-se em manter a interação com o mesmo, com a finalidade de obter um maior envolvimento entre os interlocutores.

4.1.2.2.1 Marcadores conversacionais fáticos

Os marcadores conversacionais fáticos buscam a atenção do ouvinte para que aprove o que está sendo dito por seu interlocutor, de modo que haja maior interação entre os mesmos.

Exemplo 19 (a interlocutora fala da sensação de poder do homem sobre a natureza)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
	(...) não deixa de ser exatamente a evolução do domínio que o homem tem sobre a natureza... a possibilidade que	

	ele tem de manipular as coisas em seu próprio proveito...	<i>certo?... está claro até aqui?</i>
--	-----------------------------------------------------------	---------------------------------------

(Inquérito 405, linhas 203-207)

No exemplo 19, os marcadores *certo?* e *está claro até aqui?*, buscam a aprovação do ouvinte ao que o falante está dizendo, proporcionando maior segurança ao locutor.

Exemplo 20 (L1 comenta as diferenças de entidades privadas e públicas)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
L2	(...) às vezes não tem sorte na vida dele é que hoje:: dentro da nossa profissão ainda mais uma vez falando nela... até parece que sou emPOLGAdo por ela o::... que com a empresa privada hoje em dia ela atende muito melhor que as entidades públicas... hoje em dia se ganha muito mais... (...)	<i>entende?</i>
L1 uhn uhn...		<i>né?</i> <i>entende?</i>

(Inquérito 62, linhas 849-855)

Por meio dos marcadores *entende?* e *né?*, localizados no exemplo 20, é possível certificar a preocupação, primeiramente de L2 e, em seguida, de L1 em serem claros no diálogo assegurando-se do entendimento de seu parceiro.

4.1.2.2.2 Pós-pensamento ou “afterthoughts”

Ainda na margem direita, encontra-se o pós-pensamento ou “afterthoughts”, em que há um pensamento do locutor acrescentado à expressão do núcleo, como nos exemplos a seguir:

Exemplo 21 (o interlocutor comenta sua preocupação com o futuro, profissional e pessoal)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
L1 então	you have a knowledge you have a general vision... and the tendency is really you specialize in one thing... take advantage of all those flows see the	

eu acredito	que melhor se adapta a você	<i>assim esTÁ existindo isso... mas é possível sei lá daqui a pouco estou casado estou com filhos tudo isso</i>
-------------	-----------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

(Inquérito 62, linhas 764-770)

O pós-pensamento é como se o locutor estivesse “pensando em voz alta”, um pensamento interior que está sendo exteriorizado com o intuito de buscar a melhor compreensão do ouvinte para o assunto em demanda. No exemplo 21, estão tratando do futuro, o interlocutor L1 ressalta sua preocupação com sua vida pessoal que poderá interferir em suas decisões profissionais.

Exemplo 22 (L2 fala do sentido dos sons das máquinas, florestas, trânsito)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
	(...) L2 aquelas máquinas barulhentas e tal e mesmo atualmente... o:: barulho de trânsito a polui; a poluição... auditiva...	<i>acho que tem uma função de tranqüilizar</i>

(Inquérito 343, linhas 793-795)

Neste exemplo, número 22, é possível verificar o pensamento do locutor opinando sobre o tópico no pós-pensamento *acho que tem uma função de tranqüilizar*, expondo uma opinião interior.

Exemplo 23 (conclusão de sua sugestão de uma nova correção textual)

Margem esquerda	Núcleo	Margem direita
	(...) o professor não assume aí uma atitude paternalista de está errado e eu dou a forma certa... ele assume uma atitude de orientador da pesquisa	<i>quer dizer... que acho muito válido e muito eficaz em termos de ensino...</i>

(Inquérito 356, linhas 360-363)

Por meio do exemplo 23, certifica-se a preocupação do falante em demonstrar ao ouvinte sua opinião acerca da sugestão de uma nova correção textual.

4.2 Processos de construção do texto

No texto falado, os processos de construção do texto auxiliam a construção e o desenvolvimento do assunto em questão, assessorando a interação entre os interlocutores e entre os mesmos e o próprio texto. Ao contrário do que muitos autores defendiam. Esses processos têm alta recorrência na língua falada, pois correspondem, de modo direto, às características dessa modalidade de realização lingüística e à interação entre os interlocutores.

Os processos de construção estudados nesse trabalho são classificados em: hesitação, paráfrase, parênteses, correção, repetição e digressão. Cada um deles será analisado de acordo com suas subcategorizações e de acordo com a frequência de ocorrência nos inquéritos do corpus.

4.2.1 Hesitação

As hesitações são utilizadas para dar tempo ao locutor de formular seu pensamento sem ser interrompido. Geralmente são representadas por sons não lexicalizados, como “*ah ah*” ou “*ah:: eh::*” ou por reduplicação de artigos ou de conjunções.

Exemplo (24)

em colégio esta...

em colégios estaduais **e... e... e...** mesmo... **éh...** em colégio particulares e também foram alunos de colégios...

(Inquérito 356, EF, linhas 285-287)

Exemplo (25)

L1 acontece o seguinte... quando eu estudei **éh**::... tive que
 ... **éh**:: aprender uma série de métodos de... cálculo
 dimensionamento de pontes
 (Inquérito 343, linhas 858-860)

Nos exemplos (24) e (25), foram utilizadas hesitações representadas por reduplicações de vogais e de conjunções, além dos marcadores conversacionais não lexicalizados, que permitem ao locutor tempo para organizar seu enunciado, não permitindo, no caso de diálogo entre dois informantes, que o interlocutor tome a palavra.

Tabela 02 - hesitação

	405 (EF)	356 (EF)	343 (D2)	62 (D2)
Hesitação	06%	25%	44%	25%

A presença das hesitações varia em cada inquérito, sem predomínio das mesmas em elocuições formais ou em diálogos entre dois informantes. A hesitação é usada para dar tempo ao locutor de formular seu enunciado, assim, sua presença ou não é uma característica pessoal do falante, podendo ser mais freqüente em alguns e menos em outros. É uma marca de contextualização sempre presente e importante para a dialogicidade do texto.

4.2.2 Paráfrase

A paráfrase, como os demais processos de construção, é fundamental no desenvolvimento da língua oral. Por meio dela, o falante reformula o que disse, corrigindo ou buscando uma maneira mais clara de informar seu ouvinte ou, simplesmente, de aprimorar seu texto, interagindo melhor com o mesmo. A

paráfrase mantém o sentido semântico do enunciado matriz, mudando apenas o “modo de dizer”.

Nesse trabalho, a paráfrase será classificada em pares, de acordo com Castilho 2004, em: concretizadora X desconcretizadora; expansiva X sintetizadora; enfatizadora X atenuadora; epilingüística, subclassificada em explicitação do sentido de uma palavra e produção de uma escala sinonímica. O enunciado primo é classificado como matriz e sua reprodução de paráfrase.

4.2.2.1 Concretizadora X desconcretizadora

Primeiramente, serão analisadas as paráfrases concretizadoras *versus* as desconcretizadoras. Aquelas têm como objetivo especificar o tópico que se encontrava de modo vago na matriz, explicitando-o; enquanto as desconcretizadoras desfocalizam o tópico localizado na matriz, podendo utilizar-se de um quantificador universal, como *todo mundo, ninguém*.

A seguir, são apresentados exemplos de paráfrases concretizadoras.

Exemplo (26)

(L1 fala da escassez na área de clínica geral)

então:: está

fugindo... **M** então daqui uns anos não:: clínica geral

ninguém pretenderá fazer mais... isso que eu acho...

P eu sei realmente está está está... está havendo o::

Êxodo aí das ((riu)) da clínica geral né? o pessoal não quer mais saber disso...

(Inquérito 62, EF, linhas 727-732)

Neste exemplo, L1 parafraseia a frase “ninguém pretenderá fazer mais isso”, referindo-se à clínica geral, utilizando a palavra êxodo.

Exemplo (27)

Inf. (comenta a saída da rotina)

e hoje quando

e gente senta...e:: para fazer uma obra de arte...

mais ou menos... **M** a gente se dispõe... **P** a gente pára

aquela vida cotidiana da gente... a gente se tranca em

algum ambiente se possível põe um aventalão:: e se

fantasia de artista..

(Inquérito 405, EF, linhas 154-159)

No exemplo (27) o informante reformula a frase “a gente se dispõe”, explicitando-a, esclarecendo que *dispor-se* é parar a vida cotidiana e isolar-se em algum lugar. O valor semântico é mantido, apenas modifica-se o modo de dizer elucidando-o.

Exemplo (28)

Inf. (comentário sobre a mudança no ensino)

... o que está ocorrendo no nossos alunos

M é uma fragmentação do ensino... **P** ou seja... ele perde a noção

do todo... e fica com uma série... de aspectos teóricos...

isolados... que ele não sabe vincular à realidade nenhuma de

seu idioma...

(Inquérito 356, EF, linhas 245-249)

Nesse exemplo (28), a paráfrase explana o enunciado matriz, dizendo que fragmentar o ensino é isolar os aspectos teóricos, excluindo-os de seu contexto. O emprego da paráfrase auxilia o ouvinte a compreender a matriz, que poderia ser interpretada de várias formas, por causa da imprecisão do tópico.

Agora, exemplos de paráfrases desconcretizadoras.

Exemplo (29)

(discussão a respeito das especializações na área de medicina)

Doc. (e tem ainda) **M** uma tendência inclusive a não se escolher a clínica geral hoje ((riu)) em dia né?

L1 P ninguém escolhe clínica geral...

(Inquérito 62, D2, linhas 718-720)

No exemplo (29), o documentador enuncia a matriz que, em seguida, é desconcretizada por L1, o qual utiliza o quantificador universal *ninguém* para desfocalizar o enunciado primo.

4.2.2.2 Expansiva X sintetizadora

Na paráfrase expansiva, a informação presente na matriz é ampliada, enquanto na sintetizadora, é reduzida, conduzindo o falante ao encerramento do tópico, para isso, poderão ser utilizados marcadores conversacionais como *então*, *em suma*, *ou seja*, e também verbos introdutores de opinião.

Abaixo, exemplos de paráfrases expansivas.

Exemplo (30)

(discutem a importância do clínico geral)

L1 é realmente um injustiça ele é o que
mais trabalhou **M** é o que mais conhece...

[

L2 ()

L1 **P** ele não é especializado mas ele conhece tudo

Doc. um pouco de tudo um pouco de tudo

L1 [

L1 não é e ele às vezes é um injustiçado né?

(Inquérito 62, D2, linhas 709-714)

Por meio do exemplo (30), é possível verificar a expansão da frase “é o que mais conhece”, explicando que o clínico geral conhece um pouco de tudo.

Exemplo (31)

Inf. (a importância do desenho na idade média)

(...) **M** isso dá a ele... então

um poder sobre aquele animal... e no momento

que ele é capaz de desenhar este animal... ele é capaz...

de desenhar este animal... **P** ele vai ter poder sobre a vida dele...

(Inquérito 405, EF, linhas 211-217)

O exemplo (31) amplia a expressão “poder sobre aquele animal” para “poder sobre a vida dele”, tornando o enunciado mais completo e compreensível para o ouvinte e para o próprio falante. A expressão é reproduzida de maneira que venha facilitar a interação entre os mesmos.

Exemplo (32)

Inf. sugestões de mudanças na faculdade de Letras
 ... a partir daí... também uma sugestão que eu dou no meu trabalho **M** é
 que se promovam concursos na Faculdade de Letras... **P** ou
 seja... estes alunos que criam... crônicas... ou contos ou...
 poemas ou... mesmo... romances... poderiam concorrer ...a
 algum prêmio aqui dentro da Faculdade de Letras...
 (Inquérito 356, EF, linhas 393-397)

Por meio do exemplo (32), verifica-se a paráfrase expansiva no momento em que o informante esclarece promover concursos na Faculdade de Letras, explicando para quem devem ser voltados (alunos que criam crônicas, contos ou poemas) e a que poderiam concorrer. O uso dessa paráfrase torna o texto mais claro.

A seguir, exemplos de paráfrases sintetizadoras.

Exemplo (33)

L1 e de uma certa forma a gente
 também tem que considerar que em determinadas fases
 da vida... **M** você olha mais em termos mercenários mesmo
 ... **P** você é um mercenário...

(Inquérito 62, D2, linhas 732-735)

No exemplo acima, L1 sintetiza a frase “você olha em termos mercenários” em “você é um mercenário.

Exemplo (34)

(comentam a dependência que uma máquina tem de todas as suas peças)

L1 (...) quer dizer ele pode estar num esquema de funcionamento... **M** de interdependência muito grande... e que não pode TER:... eliminado alguma peça... dele

L2 uhn uhn

L1 mas se por algum motivo alguma hora eliminar:: o sistema inteiro... pifa né?

(...)

L1 ele vai reduzindo cada função... para máximo de eficiência... **P** mas fica com uma interde/interdependência muito grande... hora que... você cortar... o movimento... pifa tudo né?

(Inquérito 343, D2, linhas 957- 974)

No exemplo (34), L1 sintetiza a matriz em poucas palavras com o marcador *mas* no início, afirmando que há uma interdependência muito grande quando o movimento é cortado ocasionando um aniquilamento na máquina.

Exemplo (35)

Inf. (discursa o objetivo dos desenhos na idade média)

(...) por ser no escuro... demonstra... que **M** a imagem não foi feita...

para decorar a caverna... ou para ser vista por outras pessoas... certo? por exemplo numa igreja hoje você tem imagens que representam... uma idéia religiosa uma série de coisas mas que estão lá para ser vistas nem isso eles não poderiam ir lá;; orar:: digamos...

então... **P** não foi feita para ser vista...

(Inquérito 405, EF, linhas 253-261)

O exemplo (35) retoma a idéia de que a imagem não foi feita para decorar a caverna ou para ser vista por outras pessoas (acompanhada de exemplo) de

maneira sintetizada, transformando o enunciado em “não foi feita para ser vista”. A paráfrase sintetizadora resume a matriz colaborando com a compreensão do enunciado.

4.2.2.3 Enfatizadora X atenuadora

Na paráfrase enfatizadora são encontrados recursos utilizados para dar ênfase ao enunciado, como os advérbios intensificadores (*altamente, mesmo, excessivamente*) e até palavras sinônimas que amplificam o significado. As paráfrases atenuadoras utilizam-se de advérbios delimitadores, procurando suavizar ou simplesmente resumir o enunciado matriz.

Exemplo de paráfrase enfatizadora:

Exemplo (36)

Inf. (comenta a situação financeira do professor)

(...) **M** tem de haver uma reforma... no sentido de que os professores sejam bem remunerados... porque com a remuneração que os professores recebem não é possível eles terem tempo para corrigir essas redações... para dar essas redações... para discutir o tema com o alunos... para motivar o aluno... tudo o que seria desejável... ele já não tem...

P porque o que acontece é que ele é mal remunerado... então ele dá trinta e cinco aulas por semana e mal tem tempo para chegar em casa e poder realmente... corrigir essas redações...

(Inquérito 356, EF, linhas 297-305)

A matriz do exemplo (36) é parafraseada com o uso de *mal*, na linha 304, que enfatiza a falta de tempo que os professores têm para corrigir redações.

Exemplos de paráfrases atenuadoras:

Exemplo (37)

(comentam a iniquidade sofrida pelos clínicos gerais comparados com os especializados)

L1 (...) e voltando um pouco ao problema do clínico geral... **M** é realmente uma injustiça ele é o que mais trabalhou é o que mais conhece...

[

L2 ()

L1 ele não é especializado mas ele conhece tudo

Doc. Um pouco de tudo um pouco de tudo

[

L1 **P** não é ele às vezes é um injustiçado né?

(Inquérito 62, D2, linhas 708-715)

No exemplo (37), a matriz é atenuada por meio do delimitador *às vezes*, dizendo que não é sempre que o clínico geral é injustiçado, mas ocasionalmente. A utilização dessa paráfrase suaviza o enunciado primo, delimitando-o.

Exemplo (38)

L1 e L2 conversam a respeito de influência da máquina na vida do homem

L2 e **M** quanto mais você está rodeado por máquinas mais você perde o contato com::... com ciclos que são naturais ... isso dá mais angústia assim... falando bem em termos gerais... então aquele negócio se você::... quanto mais

você se distancia da natureza... mais você... você perde a percepção a noção de que as coisas... se dão em ciclos... então...acho que para um pessoa que viva assim... próxima... a a... por exemplo campo né?... natureza mesmo... então ela está vendo o sol nascer morrer... a:... plantas crescerem morrerem... colheita e.... plantação... sabe?

L1 ahn ahn

L2 então para ela acho que não é tão difícil aceitar quando alguém morre... por exemplo... **P** quando você está rodeado de máquinas... o negócio perde um pouco né? aquele ritmo

(Inquérito 343, D2, linhas 838-853)

O exemplo (38) faz uso do delimitador *um pouco* para atenuar a perda do ritmo no negócio quando há a utilização de máquinas.

4.2.2.4 Epilingüística

A paráfrase epilingüística é aquela que indica alguma espécie de reflexão acerca da língua. Tal paráfrase é subcategorizada em: explicitação do sentido de uma palavra, e produção de uma escala sinonímica.

4.2.2.4.1 Explicitação do sentido de uma palavra

Nessa subcategoria há uma explicação de determinada palavra utilizada no texto.

Exemplo (39)

Inf. (sugestão de como corrigir uma redação)

- é que o... o... o grupo disse... **M** nós não devemos corrigir...

P ou seja... pegar a redação e colocar a forma certa...

(Inquérito 356, EF, linhas 329-330)

O exemplo (39) explicita aquilo que o informante chama de corrigir, ou seja, “pegar a redação e colocar na forma certa”. O uso desse tipo de paráfrase colabora para uma melhor compreensão do enunciado, uma vez que se explicita o sentido do termo que ocasionar dúvida, é especificada.

4.2.2.4.2 Produção de uma escala sinonímica

Aqui, a palavra usada no enunciado matriz é substituída por outra(s) de valor semântico aproximado.

Exemplo (40)

Inf. (como o homem de hoje vê os desenhos de antigamente)

(...) a gente vê essa obra hoje com outros

olhos com **M** os nossos critérios... de beleza... e **P** os

nossos critérios de valor estético..

(Inquérito 405, EF, linhas 295-297)

Exemplo (41)

Inf. (como atrair os alunos para o tema da redação)

(...) eles são atraídos pelo que **M** é mais fácil... o que **P** é mais digerível...

(Inquérito 356, EF, linhas 201-202)

Exemplo (42)

L1 (comentário acerca do trabalho de um técnico em engenharia)

inclusive **M** ele vai... suprir perfeitamente... **P** vai atender perfeitamente a necessidade da empresa...
(Inquérito 62, D2, linhas 596-597)

Os exemplos acima apresentam paráfrases epilingüísticas motivadas pela produção de uma escala sinonímica. No exemplo (40), “critérios de beleza” é substituído por “critérios de valor estético”; no (41), “é mais fácil” é substituído por “é mais digerível”; e no (42), “suprir perfeitamente” por “atender perfeitamente”. Tais paráfrases são usadas no intuito de buscar uma palavra que melhor se ajuste ao texto.

Tabela 03 – Frequência dos tipos de paráfrase

	405 (EF)	356 (EF)	343 (D2)	062 (D2)
C	25%	25%	12%	38%
D	0%	0%	0%	100%
E	22%	35,5%	7%	35,5%
S	30%	0%	20%	50%
F	0%	100%	0%	0%
A	0%	0%	50%	50%
X	0%	67%	0%	33%
P	17%	17%	17%	49%

C – Concretizadora
D – Desconcretizadora
E – Expansiva
S – Sintetizadora
F – Enfatizadora
A – Atenuadora
Epilingüística
X – Explicação do sentido de uma palavra
P – Produção de uma escala sinonímica

Por meio da tabela 03, é possível verificar que não há muita diferença de frequência dos tipos de paráfrases entre os inquéritos de elocução formal e de diálogo entre dois informantes. Isso se deve ao fato de ambos os tipos de inquéritos serem orais e preocuparem-se com o desenvolvimento do texto e também com a interação entre o falante e o texto e entre o texto e o próprio texto. Como foi afirmado anteriormente, as paráfrases auxiliam no desenvolvimento e na interação.

Analisando os pares, conclui-se que, no primeiro (C X D), a concretizadora predomina na maioria dos inquéritos, exceto no D2 número 062, comprovando a preocupação do falante em tornar seu texto mais claro, uma vez que o tópico conversacional é mantido. Apesar de o inquérito 062 apresentar toda a porcentagem da ocorrência das paráfrases desconcretizadoras, é nele que se encontra a maioria das concretizadoras.

No par expansiva X sintetizadora, ocorre, em grande parte dos inquéritos, a paráfrase sintetizadora, que anseia a marcação efetiva do final do turno.

Quanto às paráfrases enfatizadoras e atenuadoras, a frequência é menor, em alguns inquéritos é nula. Essas paráfrases têm o objetivo de reforçar o enunciado, enfatizando-o ou atenuando-o, assim, a preocupação em ser claro em seu texto, sem necessitar de advérbios intensificadores ou delimitadores, faz com que a ocorrência seja menor que as outras modalidades de paráfrases.

As paráfrases epilingüísticas aparecem em frequência variável em cada inquérito. Fato este relacionado ao seu papel, substituir uma palavra por outra de mesmo valor semântico, que não precisa necessariamente ocorrer, a menos que o locutor perceba algum problema de interpretação por parte do ouvinte, ou que ele próprio se considere ambíguo.

Tabela 04 – frequência das paráfrases nos inquéritos

405 (EF)	356 (EF)	343 (D2)	062 (D2)
20%	24%	13%	43%

A tabela 04 indica a frequência das paráfrases nos inquéritos, apontando sua ocorrência, apesar da variada porcentagem, nos dois tipos, comprovando, novamente, a importância da paráfrase para ambos na construção do texto falado.

4.2.3 Correção

A correção é um procedimento de reformulação presente na língua falada. Na escrita, não aparece, pois, nessa modalidade, o texto pode ser revisto. Sua utilização auxilia na interação entre os interlocutores, uma vez que elimina inadequações e erros indesejáveis e que poderiam perturbar a conversação.

Em seguida, exemplos de correção retirados dos inquéritos em análise:

Exemplo (43)

(L1 discursa a respeito do curso de medicina)
uma escola de Medicina tem que ter... naturalmente um
um hospital... tem que estar ligada a um hospital para
 poder atender::... atender as::... exigências do curso
 do curso de Medicina
 (Inquérito 62, D2, linhas 654-657)

Exemplo (44)

L1 e L2 discutem a importância de ser um bom profissional
 L1 é exato porque::... dentro da profissão acho que...
 SOmente para para... para vencer para conseguir...
somente sendo muito bom mesmo... porque:: é um fato
 você vê...
 L2 o o eu não diria somente ser muito bom... viu
 (Inquérito 62, D2, linhas 614-617)

Os exemplos acima, (43) e (44), apresentam correções nos trechos grifados. No primeiro, L1 diz que um curso de medicina tem que ter um hospital e em seguida corrige-se dizendo que é necessário estar ligado a um hospital. No segundo, é L2

quem corrige L1, ao afirmar que para conseguir um bom emprego é preciso ser *mais* que “muito bom”, corrigindo L1.

Exemplo (45)

(Informante fala da dificuldade do estudante de Letras em escrever)

Inf. porque os alunos... pelo

visto... não sabem... né? redigir... não sabem estruturar seu

pensamento... porque ensina... a escrever é ensinar a

pensar... como diz o Othon Moacyr Garcia... eles

provavelmente não sabem nem pensar...

(Inquérito356, EF, linhas 368-372)

Exemplo (46)

(Informante relata como o homem descobriu a pintura)

Inf. então vejamos... no momento em

que o homem... pré-histórico por uma razão qualquer

mexeu... no carvão mexeu nos ossos carbonizados

ficou com a mão... suja preta...

(Inquérito 405, EF, linhas 181-184)

Nos exemplos (45) e (46), a correção é feita pelo próprio locutor. Em (45) há correção no momento em que o informante transforma seu texto, afirmando que os alunos provavelmente não saibam nem pensar, em vez de dizer que não sabem estruturar seu pensamento. E em (46), o informante troca carvão por ossos carbonizados, tal correção deve ter ocorrido pelo fato de na época não existir carvão.

4.2.4 Repetição

A repetição auxilia a construção do texto falado, evitando dúvidas e ocasionando uma melhor compreensão do tópico. São reproduções de enunciados já ditos anteriormente. Nesse trabalho, estão divididas em: (a) repetição para “*explicitar o tópico da nova seqüência e assegurar a coesão das seqüências do*

discurso”; (b) repetição para enfatizar elementos da sentença; (c) repetição sintetizadora; (d) repetição para recolocar no foco detalhes de uma narrativa. Os exemplos são demarcados pela letra **M**, para indicar o enunciado matriz, e pela letra **R**, indicando a repetição.

4.2.4.1 Repetição para “*explicitar o tópico da nova seqüência e assegurar a coesão das seqüências do discurso*”

Exemplo (47)

(L1 comenta a situação do médico)

a situação do médico... **M** também é uma situação difícil...
em termos de mercado de **R** trabalho também é uma
situação difícil..

(Inquérito 62, D2, linhas648-650)

Exemplo (48)

(o informante cita alguns livros)

M e uma das
críticas que o Osman Lins faz naquele artigo que eu já citei...
o artigo se chama “O que os alunos desprendem de literatura
Brasileira...” **R** uma das críticas que Osman Lins faz... é
justamente... o fato de os alunos serem atraídos NÃO pelo...
hábito de ler...

(Inquérito 356, EF, linhas 194-199)

No exemplo (47), L1 utiliza-se da repetição para salientar a dificuldade do médico em termos de mercado de trabalho e, no exemplo (48), a repetição garante a coesão do enunciado, uma vez que houve a introdução de uma explicação,

desviando um pouco o assunto no momento em que o informante situa o artigo em questão, o assunto é retomado com o uso da repetição.

4.2.4.2 Repetição para enfatizar elementos da sentença

Exemplo (49)

(L1 e L2 verificam se está tudo correto com a gravação)

L2 você não quer

dar uma olhada para ver se está gravando? --

Doc. **M** está **R1** está

L1 **M** confiança absoluta () ((risos))

[

Doc. nunca falhou ((ri))

L2 qualquer tom de voz as pessoas que falam mais baixo

[

L1

igual

minha máquina né?

L1 **M** é

[

Doc. R2 é

L1 R3 confiança absoluta

(Inquérito 343, D2, linhas 776-786)

Exemplo (50)

(o informante critica livros didáticos)

bom... mas ao lado deste bom livro de Maria

Helena Silveira... há também o da Ada Rodrigues que é

muito bom... aparecem **M** livros... deste tipo... os **R** livros... são

muito coloridos... eles são muito atrativos...

(Inquérito 356, EF, linhas 191-194)

No primeiro exemplo, há três repetições e no segundo uma, utilizadas para enfatizar o enunciado. A segunda repetição do primeiro exemplo não é feita pelo mesmo locutor que expôs o enunciado matriz, mas, como as outras, realça o dizer.

4.2.4.3 Repetição sintetizadora

Exemplo (51)

L1 é o que está dando dinheiro agora... **M** deixou de ser Bolsa né? agora é construção... ((risos))

L2 **R** Bolsa caiu...

(Inquérito 62, D2, linhas 694-696)

Nesse exemplo, (51), em **R**, verifica-se a presença de repetição sintetizadora, em que o enunciado 'deixou de ser Bolsa' é substituído por 'Bolsa caiu'. O enunciado matriz é sintetizado evitando que o texto fique cansativo sem que o interlocutor se perca na conversação.

4.2.4.4 Repetição para recolocar no foco detalhes de uma narrativa

Exemplo (52)

(o informante comenta as pinturas feitas nas cavernas)

por ser no

escuro... demonstra... que **M** a imagem não foi feita...

para decorar a caverna... ou para ser vista por outras

pessoas... certo? por exemplo numa igreja hoje você

tem imagens que representam... uma idéia religiosa

uma série de coisas mas que estão lá para ser vistas

também... a igreja é clara... no fundo da caverna

nem isso eles não poderiam ir lá:: orar:: digamos...

porque eles não viram a:: as imagens... certo?

então...**R1** não foi feita para ser vista... uma terceira...

razão:: é que eles sobrepunham as imagens... então

nós vamos encontrar... em cima de um bisonte

a imagem de veado... então não tem

importância que aquela que aquele espaço já tivesse

sido ocupado por uma imagem... se o próximo

animal (que eu) preciso caçar é um cavalo eu vou

desenhar um cavalo em cima daquilo... não tem

importância... ficar uma sobreposição de imagens...

porque **R2** não é para ser visto... certo?

(Inquérito 405, EF, linhas 252-270)

No exemplo (52), em **R2**, tem-se repetição para recolocar no foco detalhes de uma narrativa. Após comparar as imagens feitas antigamente com as pinturas de igreja, o informante retoma o enunciado 'não é para ser visto', ressaltando o objetivo das imagens, não permitindo que o ouvinte desconcentre-se do tópico em andamento.

Tabela 05 – repetição

	405 (EF)	356 (EF)	343 (D2)	62 (D2)
Repetição	16%	16%	35%	33%

Por meio da tabela (05), é possível verificar o predomínio de repetição em textos de diálogo entre dois informantes. Tal fato ocorre por haver uma maior preocupação do locutor em ser melhor compreendido uma vez que seu interlocutor está presente e interagindo com ele no mesmo momento de sua fala. Os sinais de incompreensão são mais visíveis que nas elocuições formais, possibilitando uma correção imediata, nesse caso, a repetição.

4.2.5 Digressão

Segundo Castilho (2004, p. 79), a digressão é “um Tópico que descontinua um Quadro Tópico”, é um processo típico da língua falada, considerado vicioso na língua escrita. Após a digressão, o tópico que estava em andamento é retomado.

As digressões serão analisadas por meio de três classificações: digressão baseada no enunciado, digressão baseada na interação e digressão baseada em seqüências inseridas.

4.2.5.1 Digressão baseada no enunciado

Esse tipo de digressão busca relacionar o enunciado principal com o digressivo, colaborando para a interação entre os interlocutores. Veja os exemplos a seguir:

Exemplo (53)

(L1 e L2 discursam a respeito do problema do clínico geral, comparando-o com os engenheiros)

L1 mas pega um clínico geral...

por incrível que pareça é o que mais... estuda.... certo?

... é o que tem a MAIOR especialização... em

compensação é o mais injustiçado... pediatria...

L2 ele ele estaria dentro do caso do engenheiro civil então

o clínico geral assim de:... em termo não de estudo

digamos mas de.... de campo de serviço?

L1 se bem que o engenheiro hoje está em hein meu querido... ahn?

L2 ah mas tem engenheiro civil sobrando aí hein V. ((risos))

L1 com todas essas facilidades do BNH aí... está todo mundo comprando prédios aí que não acaba mais... você não está vendo isso?

[

L2 ah mas você vê quem é que... que é que está levantando... quem é que você vê levantando... é sempre aquela mesma... empresa

L1 é mas eu acho que está indo bem o negócio está todo mundo querendo partir para o campo da construção

[

L2 sempre aquela mesma empresa

L1 é o que está dando dinheiro agora... deixou de ser Bolsa né? agora é construção... ((risos))

L2 Bolsa caiu...

L1 ainda ontem nós estávamos tendo um aula e a pessoa falava né?... “não vocês precisam... fazer um investimento Hoje... certo? para poder colher os frutos mais tarde”... falei “mas que diabo... o meu dinheiro foi todo para a Bolsa como é que eu faço agora né? caiu tudo... que investimento... como é que eu vou viver melhor daqui uns anos se eu não tenho mais nada hoje?” ... ele falou “e não sei são problemas que estão acontecendo e ninguém entende nada do que está acontecendo”...

L2 ninguém explica né? a situação né?

[

L1 é... mas é é o fato... dentro da própria da própria Medicina... e voltando um pouco ao problema do clínico geral...

(Inquérito 62, D2, linhas 673-709)

No exemplo acima, a digressão (o trecho sublinhado, isto é, a discussão acerca dos engenheiros), pode ser considerada um outro tópico, introduzido com o intuito

de explicar a comparação feita entre os clínicos gerais e os engenheiros. Em seguida, o tópico inicial, o problema do clínico geral, é retomado.

Exemplo (54)

(o informante comenta um novo método de ensino de redação)
então... nesse trabalho eu sugiro... um
outro método... ou seja... primeiro... a primeira coisa... é
óbvio... né? que tem de haver uma reforma.... no sentido de
que os professores sejam bem remunerados... porque com a
remuneração que os professores recebem não é possível eles
terem tempo para corrigir essas redações... para dar essas
redações... para discutir o tema com os alunos... para motivar
o aluno... tudo o que seria desejável... ele já não tem...
porque o que acontece é que ele é mal remunerado... então
ela dá trinta e cinco aulas por semana e mal tem tempo para
chegar em casa e poder realmente... corrigir essas redações...
bem... então a primeira sugestão é que o governo apóie... os
professores...

(Inquérito 356, EF, linhas 295-307)

Nesse exemplo, o informante utiliza-se da digressão para explicitar o primeiro passo para obter-se um método melhor para o curso de redação. A digressão é iniciada pelo marcador *ou seja* e encerrada por *então*, que retoma o enunciado principal.

Os exemplos (53) e (54) possuem digressões que colaboram para uma melhor compreensão do texto auxiliando, assim, na interação.

4.2.5.2 Digressão baseada na interação

A digressão baseada na interação está voltada para o exterior da conversação, sendo introduzida por alguma interferência exterior como ruídos ou chegada de alguma pessoa que, antes, não pertencia à interação.

Exemplo (55)

(o informante comenta os animais que viviam na idade média)

exatamente

porque naquela época... o que existia eram os bisontes

e os mamutes também... alguns mamutes...

mamute... vem a ser... o bisavô... do elefante...

((risos))... – Betina... ((vozes))...já resolveu? tudo bem --... bom... então

(Inquérito 405, EF, linhas 145-150)

Exemplo (56)

(L1 e L2 tratam da exigência do mercado de trabalho com seus candidatos)

L2 o o eu não diria somente ser muito bom... viu

((pigarreou)) ô G...

L1-- empostou a voz... agora vai hein? --

L2 eu não diria somente... existe muito também e::...

É apresentação entende?

(Inquérito 62, D2, linhas 618-622)

Os exemplos (55) e (56) permitem visualizar as digressões baseadas na interação, por meio dos trechos grifados é possível verificar, em (55) a interferência de uma terceira pessoa, enquanto em (56) a digressão assinala o ruído causado pela recuperação da voz de L1.

Tais digressões permitem que os leitores dos inquéritos visualizem as interferências exteriores, fato que não seria possível sem as mesmas, auxiliando na

análise da interação do texto falado, uma vez que são essenciais na construção da língua falada.

4.2.5.3 Digressão baseada em seqüências inseridas

Nessa digressão, há uma troca de informações entre os interlocutores buscando o esclarecimento de trechos duvidosos.

Exemplo (57)

(L1 e L2 conversam sobre tribos indígenas)

L2 porque lá es/ éh::

tem os kren-akarore não sei mais o que mas

L1 kren-akarore

L1 são::... tribos assim que têm mais ou menos a mesma estrutura... todos no no... Alto Xingu eu acho Baixo não sei... e:: aí eu não entrei ((ruídos)) se tem algum sistema de hierarquia ((fala muito baixo)) pajé é a mesma coisa né?

(Inquérito 343, D2, linhas 750-757)

Exemplo (58)

(L1 e L2 discorrem sobre a competição no mercado de trabalho)

L2 se você prestar

atenção você::... notará às vezes você possui

determinadas... qualidades superiores a um competidor

seu e você não é aproveitados...

L1 é... são as cartas de recomendação né?...

L2 então ainda...

L1 isso existe em todo local né?... precisa realmente ter

aquela recomendação... mandado por fulano de tal:...

sempre ele é melhor aceito ne?

L2 certo...

L1 agora:... ((pigarreou)) inclusive falando um pouco

da Medicina aí você veja como é que está a situação hoje

(Inquérito 62, D2, linhas 632-643)

No exemplo (57), L2 está relatando a respeito da tribo indígena kren-akarore, quando é interrompido por L1, que repete o nome da tribo demonstrando desconhecê-la. Inicia-se então a digressão baseada em seqüência inserida, em seguida, L2 sana a dúvida de L1 e inicia um outro tópico. Em (58), L1 e L2 desviam rapidamente o tópico em andamento para tratar da carta de recomendação, fazendo um breve comentário a respeito que é encerrado por L2 com o marcador de concordância *certo*.

As digressões baseadas em seqüências inseridas permitem uma maior interação entre os interlocutores, considerando sua função de esclarecer dúvidas acerca do tópico em andamento que poderiam prejudicar o desenvolvimento da conversação.

Tabela 06 – digressão

	405 (EF)	356 (EF)	343 (D2)	62 (D2)
Digressão	23%	23%	33%	21%

A presença de digressões não varia muita de um tipo de inquérito para outro. Apresentam importante papel na construção do texto falado, por serem responsáveis pelo esclarecimento de dúvidas e por acrescentarem informações necessárias ao desenvolvimento do texto, auxiliando a interação do locutor com o próprio texto e os interlocutores.

4.2.6 Parênteses

Os parênteses constituem o processo de desativação que têm a função de completar o tópico em andamento sem introduzir um novo, apenas insere uma informação a mais no texto. A seguir, exemplos de parênteses nos inquéritos em análise.

Exemplo (59)

(o falante discute a pintura de mamutes na Idade Média)

Inf. porque naquela época... o que existia eram os bisontes e os mamutes também... alguns mamutes...

mamute... vem a ser... o bisavô... do elefante...

((risos))... – Betina... ((vozes))... já resolveu? tudo

bem --... bom então primeiro em nível de tema...

a seguir... qual seRIA... motivo pelo qual... eles::

... começaram... a pintar ou a esculpir... estas

formas...

(Inquérito 405, EF, linhas 146-153)

Exemplo (60)

(L2 conta a visita de uma amiga a uma tribo indígena)

L2 uma amiga minha que faz medicina e ela vai sempre para o Xingu... no campus avançado da da Paulista né? -- ...

ela estava contando do::... de como que funciona o

cacique da tribo

(Inquérito 343, D2, linhas 733-736)

Os exemplos de parênteses, grifados em (59) e (60), apontam que os falantes apenas introduziram uma informação e logo após retomaram o tópico que estava em andamento. Em (59), o informante comenta os desenhos feitos na Idade Média, os

mamutes e os elefantes, acompanhado de um parênteses utilizado para explicar o que é um mamute. E em (60), há uma breve explicação do lugar em que a amiga de L2 estuda.

Exemplo (61)

(L1 comenta as dificuldades na área de engenharia)

L1 uhn uhn,,, é que hoje:: dentro da nossa profissão ainda mais uma vez falando nela... até parece que sou emPOLGAdo por ela né? ((risos)) não acha? ... o:: ... que com a empresa privada hoje em dia ela atende muito melhor entende?

(Inquérito 62, D2, linhas 850-854)

Exemplo (62)

(comentário acerca de problemas em redação)

Inf. então eu

sugiro... quer dizer... um dos outros problemas é que... a redação... que é o principal e objetivo primeiro... do ensino do primeiro e segundo graus... tem sido marginalizada... né?

(Inquérito 356, EF, linhas 281-284)

Nos exemplos (61) e (62), os parênteses assinalam, primeiramente, uma opinião pessoal de L1, e, em seguida (62), um rápido esclarecimento da importância da redação nos ensinos de primeiro e segundo graus. Após os parênteses, os tópicos são retomados.

Tabela 07 – parênteses

	405 (EF)	356 (EF)	343 (D2)	62 (D2)
Parênteses	14%	13%	24%	49%

Por meio da tabela 07, nota-se a frequência de parênteses em todos os inquiridos, embora eles sejam mais frequentes nos diálogos entre dois informantes. Os parênteses têm grande importância como marca de subjetividade e intersubjetividade, uma vez que auxiliam o falante na formulação de seu tópico e o ouvinte na compreensão, por apresentarem informações que colaboram na construção e interpretação do texto.

4.3 Marcas de subjetividade e de intersubjetividade

As marcas de subjetividade e de intersubjetividade serão analisadas a partir de seis variáveis: tipo de marca, quem produz a marca de subjetividade, a quem se dirigem as marcas produzidas pelo falante, grau de envolvimento, relação com o desenvolvimento tópico e valor de atenuação.

4.3.1 Tipo de marca

Esta variável considera o tipo lingüístico da marca de subjetividade e nela as ocorrências são classificadas de acordo com as subcategorias: marcadores conversacionais lexicais, marcadores conversacionais proposicionais, marcadores conversacionais não lexicalizados e expressões não convencionalizadas como marcadores conversacionais.

A primeira subcategoria, representada pelos marcadores conversacionais lexicais, apresenta marcas de intersubjetividade por meio de marcadores lexicais

que possuem marcas de pessoa, tais como: *entende?*, *viu?*, *sabe?* etc, e pode ser verificada nos exemplos a seguir:

Exemplo (63)

(L2 discorda de L1 quanto ao fato de que para vencer profissionalmente é preciso ser bom somente).

L2 oo eu não diria somente ser muito bom... **viu**

((pigarreou)) ô G...

L1 – empostou a voz... agora vai hein? –

L2 eu não diria somente... existe muito também e::... é

apresentação **entende?**

(Inquérito 062, D2, linhas 618-622)

Exemplo (64)

(O informante relata o aumento do número de criações e a dependência do homem das mesmas)

L1 você tem uma civilização o ca::ra... faz um sapato...

outro faz o casaco **sabe?** uma coisa desse tipo... agora

é... gravador... tudo

L2 é

L1 mecânico... que você também usa e depende

(Inquérito 343, D2, linhas 1049-1053)

Nos exemplos (63) e (64), foram utilizados os marcadores lexicais *entende?* e *sabe?* respectivamente. Esses marcadores possuem marcas de pessoa e estão voltados para o ouvinte, buscando um assentimento do seu interlocutor, o que permite situá-los como marcas de intersubjetividade.

Alguns marcadores lexicais não possuem marcas de pessoa, mas foram estudados neste trabalho, dentro das marcas de subjetividade, pelo fato de apresentarem valor fático. Estes marcadores aparecem no texto falado como forma

de adquirir aprovação discursiva, confirmação ou assentimento de seu interlocutor (*né?*, *certo?*), como nos exemplos abaixo:

Exemplo (65)

(O informante explica o papel do IPT, Instituto de Pesquisas Tecnológicas, no campo de Engenharia)

L1 você pode pegar aqui o:: IPT... **certo?**
 ... mas o IPT... Instituto de Pesquisas Tecnológicas ele
 também éh:: atende a determinados serviços então vamos
 dizer que essa pesquisa... está baseado uhn:: em função
 de serviços que levam para ele... que:: eles também
 têm que ter o rendimento... **certo?**

(Inquérito 062, D2, linhas 871-876)

Exemplo (66)

(Os informantes comentam a desconfiança que as pessoas têm em relação às máquinas)

L1 é tanto que se propõe sempre aquilo... o homem... e a
 máquina **né?**

L2 uhn

L1 no colégio... normalmente tem muitas professoras que
 ficam batendo nos alunos para não deixar... se envolver
 por máquinas er cetera **né?**

L2 uhn

(Inquérito 343, D2, linhas 813-819)

Exemplo (67)

() (o informante comenta como deve ser feita a correção de ortografia)
 então...

número um seria ortografia... onde o aluno pode procurar a
 palavra correta? em um dicionário... então... o professor
 sugeriria um bom dicionário... **né?** que não se sugira o do
 MEC... que saiu agora uma reportagem contra do Silveira
 Bueno...**né?** que se sugira um outro...

(Inquérito 356, EF, linhas 338-343)

Exemplo (68)

então... o professor

sugeriria um bom dicionário... **né?** que não se sugira o do

MEC... que saiu agora uma reportagem contra do Silveira

Bueno... **né?**

(Inquérito 356, EF, linhas 340-343)

Os marcadores *certo?* e *né?*, que aparecem nos exemplos acima, não possuem marcas de pessoa, mas apresentam valor fático, estão voltados para o assunto em questão, buscando a aprovação do ouvinte.

A segunda categoria, os marcadores conversacionais proposicionais, também apresenta marcas de pessoa (*acho que, você sabe, eu creio, você não acha?* etc). No caso desses marcadores, a marca de pessoa é mais evidente do que nos marcadores do primeiro tipo:

Exemplo (69)

(O interlocutor comenta que apenas os competentes vencem na profissão)

L1 é exato porque::... dentro da profissão **acho que**...

somente para para... para vencer para conseguir...

somente sendo muito bom mesmo... porque:: é um fato

você vê...

(Inquérito 062, D2, linhas 614-617)

Exemplo (70)

()comentário a respeito de interesses práticos)

não é só porque **eu**

preciso me vestir que **eu vou fazer** um vestido::

maravilhoso... ou que **eu vou bordar**... uma:: tela

para pendurar em casa porque **eu preciso** de aquecer

a casa... NÃO... é porque **eu acho** bonito...
(Inquérito 405, EF, linhas 167-170)

Exemplo (71)

(6) (o informante, engenheiro civil, cita o fato de ter aprendido a calcular estruturas pelo método “braçal” e pelo computador)

L1 então **eu peguei** uma fase em que estava mais ou menos bom:: sei lá **eu achei** bom::... que **eu aprendi** bastan::te... como fazer **eu mesmo**... e depois **aprendi** como fazer pelo computador... então **eu sabia** dos dois jeitos né? como **eu teria** que fazer...

(Inquérito 343, D2, linhas 870-874)

Nos exemplos (69), (70) e (71), encontram-se marcadores conversacionais proposicionais, como: *você vê*, *eu vou fazer*, *eu preciso*, *eu achei*, *eu aprendi*, os quais apresentam as marcas de pessoa muito bem demarcadas, ao contrário dos marcadores conversacionais lexicais.

A terceira categoria é representada pelos marcadores conversacionais não-lexicalizados, os quais, apesar de não possuírem marcas de pessoa, assim como alguns marcadores lexicais citados acima, possuem valor fático. Os marcadores não-lexicalizados mais comuns são: *ahn*, *uhn* e os marcadores prosódicos (principalmente os de alongamento, como *éh*, *ah*, *ahn* etc). Os marcadores conversacionais não-lexicalizados apresentam duas funções. Uma, relacionada ao planejamento verbal, apresenta marca do falante, por estes marcadores serem utilizados para dar tempo ao interlocutor de formular seu pensamento, não permitindo, assim, que outro interlocutor se apodere do turno. A outra função possui um valor fático, está voltada para o ouvinte, apresentando turnos inseridos (não desenvolvem o tópico da conversação, apenas indicam que um dos interlocutores monitora as palavras do seu parceiro conversacional).

Exemplo (72)

(Os informantes estão discutindo a evolução das máquinas)

L2 agora porque que é endeusado eu não não

L1 não não eu não estava vendo nesse sentido

L2 **ahn**

L1 acontece o seguinte... quando eu estudei **éh**::... tive que

... **éh**:: aprender uma série de métodos de... cálculo

dimensionamento de pontes

L2 **ahn**

(Inquérito 343, D2, linhas 855-861)

Em (72), encontram-se marcadores conversacionais não-lexicalizados com função de planejamento verbal, *éh*, em que o interlocutor L1 elabora o pensamento sem dar tempo de seu parceiro interrompê-lo. Há, também, marcadores conversacionais não-lexicalizados que possuem valor fático, *ahn*, em que o interlocutor L2 demonstra sua atenção em L1.

Exemplo (73)

(Os informantes discutem o papel da Engenharia no desenvolvimento do metrô)

L2 Engenharia...

L1 **ahn** sim Engenharia...

L2 não... você poderia citar agora... o metrô...

L1 **uhn uhn...**

L2 o metrô praticamente... não tem nada nosso... o metrô

é tudo... nós trouxemos tudo de fora está certo que são...

engenheiros nossos que estão estudando... dizem que eles

estão trabalhando **éh**:: estu/ ((vozes)) eles trabalham oito horas

(Inquérito 062, D2, linhas 1106-1116)

Exemplo (74)

() (comentário acerca do livro de Maria Helena Silveira)

e a partir daí ela entra no texto

literário... e não só no literário... ela traz também textos de

jornal... ela traz textos.... **éh**... como linguagem de

requerimento
(Inquérito 356, EF, linhas 187-189)

Nos exemplos (73) e (74), também se encontram tanto marcadores conversacionais não-lexicais com função de planejamento verbal (*éh*), como com valor fático (*ahn*, *uhn*), com as mesmas funções dos marcadores no exemplo (67).

A última categoria, aliás, a de maior frequência, são as expressões não-convencionalizadas como marcadores conversacionais, que apresentam verbos e pronomes dotados de marcas específicas de pessoa, utilizados, principalmente, quando o informante pretende exprimir seu ponto de vista, sua opinião ou relatar suas experiências pessoais:

Exemplo (75)

(O informante comenta como se informa sobre a previsão do tempo)

L1 é normal né? porque:: principalmente no **meu** caso **eu**
de manhã **saio** dirigindo... então:: uhn:: **tenho** vontade
de de:: ouvir uma notícia uma coisa qualquer e
normalmente eles dão né? previsão do tempo...
(Inquérito 062, D2, linhas 80-81)

Exemplo (76)

(A informante expõe trata da atitude das pessoas em fase da falta de emprego.)

L2 é mas aí:: é o tal negócio **eu não me preocupo** muito
com a média... pra **mim** interessa:: o:: indivíduo né?...
salvação individual então **eu pensar**... como é que está
essa média como é que está aquela... como é que está
a ou/ ... () realmente **me faltam** dados né? para **eu**... mas
que ai é falta de interesse **minha** né? de **eu não**
procurar esses dados de **eu não me tocar** muito...
e ver::...

(Inquérito 343, D2, linhas 568-575)

*Exemplo (77)***eu não digo**

que nós não devamos... éh... estudar lingüística... não é esse o **meu ponto de vista... eu acho...** ao contrário... altamente pertinente – **estudei** lingüística nesta Faculdade e **não faço** outra coisa... durante a **minha** carreira...

(Inquérito 356, EF, linhas 252-256)

Por meio dos exemplos (75), (76) e (77), pode-se visualizar expressões não-convencionalizadas como marcadores conversacionais, verbos (*tenho, saio, eu pensar, estudei* etc) e pronomes (*meu, eu, mim, minha* etc) que apresentam marcas específicas de pessoa. No exemplo (75), o informante está relatando uma experiência pessoal, comentando como se informa sobre a previsão do tempo, no exemplo (76) a informante expõe sua opinião a respeito dos empregos e no (77) opina a respeito do estudo da lingüística na faculdade.

As marcas desse tipo instituem o falante como sujeito da enunciação, são as que aparecem em maior número por a) estarem mais ligadas ao desenvolvimento do tópico e à interação e b) assinalarem, de forma mais direta, a presença dos interlocutores.

Tabela 08. Tipo de marca

Inq.	062 (D2)	343 (D2)	356 (EF)	405 (EF)
L	36%	23%	30%	38%
P	11%	16%	18%	7%
N	06%	03%	0%	0%
C	45%	58%	52%	55%

L- Marcadores conversacionais lexicais.

P- Marcadores conversacionais proposicionais.

N- Marcadores conversacionais não-lexicalizados.

C- Expressões não convencionalizadas como marcadores conversacionais.

Por meio da tabela anterior, verifica-se que a ocorrência das subcategorias é concernante nos inquéritos do tipo diálogo entre dois informantes e em elocuições formais. Há o predomínio de expressões não-convencionalizadas como marcadores conversacionais, em grande maioria, seguidas de marcadores conversacionais lexicais, marcadores conversacionais proposicionais e marcadores não-lexicalizados, respectivamente. O predomínio de C garante uma melhor interação entre os interlocutores, tornando a conversação mais clara.

4.3.2 Quem produz a marca de subjetividade

Esta variável considera o interlocutor responsável pela produção da marca e se subdivide em marcas do falante, do ouvinte e marcas produzidas no discurso reportado.

A maioria das marcas de subjetividade e intersubjetividade é produzida pelo próprio falante, que é aquele que detém o turno e é responsável por formular os enunciados e desenvolver o tópico. Marcas de subjetividade e intersubjetividade utilizadas pelo falante são representadas, sobretudo, por verbos na primeira pessoa do singular e do plural:

Exemplo (78)

(O informante cita o fato de que, na sua profissão – vendedor - o salário varia de acordo com a produção.)

L1 você vê que vô/ **nós ganhamos** mesmo em em função mesmo da nossa produção... então... o motivo pelo qual é:: mais uma vez **eu eu chamo** o aspecto da da responsabilidade... **a gente tem** que ter porque **eu dependo** daquilo

(Inquérito 062, D2, linhas 298-102)

Exemplo (79)

(O informante comenta o metrô)

L1 **nós estamos** com o metrô muito:... sei lá... **a gente está** acostumado já de ouvir falar de metrô porque está muito mas... não não **temos** metrô ainda metrô tem que ser uma malha... certo? **nós temos** uma linha... coitadinha **não sei** se dá para chamar ela de metrô...

(Inquérito 343, D2, linhas 396-400)

Exemplo (80)

e hoje quando

a gente senta... e:: para fazer uma obra de arte...

mais ou menos... **a gente se dispõe**... **a gente pára**

aquele vida cotidiana **da gente**... **a gente se tranca** em

algum ambiente se possível põe um aventalão:: e se

fantasia de artista... é algo desligado de **nossa** vida

quer dizer é uma faceta que **a gente assume** um papel

novo...

(Inquérito 405, EF, linhas 154-161)

Nos exemplos (78), (79) e (80), observam-se as marcas de subjetividade e de intersubjetividade utilizadas pelo falante por meio dos verbos na primeira pessoa do singular e do plural, tais como: *nós ganhamos*, *eu chamo*, *a gente está*, *nós temos*, *a gente se dispõe*, *a gente assume*.

As marcas produzidas pelo ouvinte geralmente são representadas por marcadores conversacionais que denotam concordância ou assentimento, e figuram em turnos inseridos, apresentando marcas de monitoramento por meio de um dos interlocutores, como:

Exemplo (81)

(Os informantes discutem a necessidade de se ter um emprego estável)

L2 entende é mais medo porque você fala ()

“poxa se eu ficar desempregado por tanto tempo...
se eu não tiver uma certa reserva... como é que eu vou
me arrumar”...

L1 **uhn uhn** precisa pensar no respaldo do negócio...

L2 então é aproveitar agora e a gente dá os passos certos para
ver se encaixa mas nem todos conseguem né?

L1 **uhn uhn...**

(Inquérito 062, D2, linhas 787-794)

Exemplo (82)

(14) (Comentário acerca do filme *Midnight cowboy*)

L1 (então você ainda se lembra) nesse filme... que ele
mostrava que era importan::te em guerreiro que tivesse
um cavalo... até que chegou aquele amigo dele “ahn eu
sou importante agora eu tenho uma espo::sa e três
cavalos” ((ri))

L2 **ahn ahn**

(Inquérito 343, D2, linhas 695-700)

Os exemplos (81) e (82) apresentam marcas produzidas pelo ouvinte em que estes demonstram concordância, assentimento por meio dos turnos inseridos (*uhn uhn, ahn ahn*).

As marcas do discurso reportado, por sua vez, não se referem aos interlocutores reais, mas a outras vozes que não estão incorporadas no texto, são as menos freqüentes:

Exemplo (83)

(O informante comenta que as pessoas procuram estabilidade no emprego em função da família)

L2 (...) eu tenho colegas que às vezes não dão um passo... com medo... às vezes eles falam **“não... eu tenho tantos filhos... minha esposa... pago aluguel... poderá não dar certo... aqui eu ganho menos mas... é um negócio certo e ali é um negócio incerto”**... que eu acho que seria o tipo da coisa errada

(Inquérito 062, linhas 772-777)

Exemplo (84)

então... este livro aqui... que... é da... Maria Gesse Militão e Marisa Serrano Feseli... me afirma na página cinquenta e um... da oitava série... o seguinte... ((iniciada leitura do texto)) **“os modernistas da primeira fase... vão se importar APENAS com o significado... isto é... o conteúdo...”** ((termina leitura do texto)) ponto...

(Inquérito 356, EF, linhas 207-213)

Exemplo (85)

(o informante trata da concorrência pelo emprego.)

L1 se eu falo **“olha eu quero interromper o sistema”** não interrompo nada... a firma fala **“tchau vai embora”** e contrata outro... está cheio de engenheiro...

(Inquérito 343, linhas 1443-1445)

As passagens que estão em negrito nos exemplos (83), (84) e (85) representam marcas do discurso reportado por pertencerem a pessoas que não estão incorporadas no texto.

Tabela 09. Interlocutor que produz a marca de subjetividade

Inq.	062 (D2)	343 (D2)	356 (EF)	405 (EF)
F	93%	82%	90%	100%
O	05%	08%	05%	0%
R	02%	10%	05%	0%

F- Falante.

O- Ouvinte.
R- Discurso reportado.

A tabela 08 indica que prevalecem, de forma amplamente majoritária, as marcas do falante em todos os inquéritos analisados, seguidas do discurso reportado e do ouvinte aleatoriamente. As marcas do falante caracterizam a conversação como subjetiva, apontando a presença do próprio no texto.

4.3.3 A quem se dirigem as marcas produzidas pelo falante

Considera-se, nesta terceira variável, o interlocutor a quem se voltam as marcas de subjetividade produzidas pelo falante. Essas marcas dividem-se em autocentradas (voltadas para o próprio falante) e heterocentradas (voltadas para o ouvinte).

As heterocentradas são representadas por verbos e pronomes em segunda pessoa e por marcadores conversacionais de valor fático, inclusive os marcadores conversacionais de busca de aprovação discursiva (*né?*, *entende?*, *sabe?*). Já as marcas autocentradas são representadas por verbos e pronomes de primeira pessoa.

Exemplo (86)

(O informante comenta o fato de os engenheiros especializarem-se no exterior)

L2 é nor::mal mesmo vai uma base **acho** que de uns... cem engenheiros por ano... financiado por Uma empresa que **eu conheço**... *você imagine* as outras *entende?* aqui eles não têm campo de desenvolver isso... então a França

é:: é normal... colegas *nossos* de em trezes que *nós somos* de uma seção já foram quatro... os quatro que são formados em Engenharia já foram... porque há necessidade... *entende?* ...((vozes incompreensíveis))... **eu acho** que é necessário MAIS verbas para... para aplicar aqui dentro do... do próprio país para o pessoal não sair *entende?*

(Inquérito 062, D2, linhas 944-954)

Exemplo (87)

(comentário a respeito de pintura realista)
realista... isto é:: não é a realidade a a a... a realidade idealizada MAS a realidade de FAta... que vai ser retratada... ((interferência de locutor acidental))... **ela mistura** uma coisa com a outra... ((interferência de locutor acidental))... com outro tipo de realidade... continua sendo realidade (o desenho) é um outro tipo... ((interferência de locutor acidental))... mas... o que **ele... pintou** ou **desenhou**... é dentro de um estilo naturalista-realista **ele não vai esquematizar... ele não vai estilizar...**

(Inquérito 405, D2, linhas 308-317)

No exemplo (86), L2 relata que há um maior desenvolvimento na área de engenharia em países como a França do que aqui no Brasil, por isso muitos engenheiros fazem estágio naquele país. É um discurso heterocentrado, há presença, em maior número, de verbos na segunda e terceira pessoas e de marcadores de valor fático (destacados por um traço). Apesar do predomínio do discurso heterocentrado, também encontramos marcas autocentradas (salientadas em negrito). Assim, é possível certificar a duplicidade do sujeito, que, apesar de autônomo, depende do outro. No exemplo (87), as marcas heterocentradas são representadas pelos pronomes em terceira pessoa, *ele* e *ela*, e pelos verbos *mistura*, *pintou*, *desenhou*...

Essas considerações permitem concluir que, em trechos voltados para o desenvolvimento do assunto, predominam as marcas heterocentradas. É o contrário do que ocorre em trechos centrados no sujeito falante (o eu):

Exemplo (88)

(A informante comenta sobre seu desconhecimento a respeito do funcionamento da empresa)

L2 ahn ahn... **não sei acho que eu** também não **entendo**

mas **acho** que vem muito em função da gente entender:...
o... primei::ro ter que entender o teu funcionamento
individual para depois:... sabe? realidade é uma projeção
né?... também... você... sabe você estar equilibrado
antes:... enquanto indivíduo para poder enxergar...
fora como é que é esse equilíbrio fora... que existe o
equilíbrio **acho** que existe mas de que forma que ele se
mantém né?...

(Inquérito 343, linhas 608-616)

Exemplo (89)

(o informante comenta as pinturas de antigamente)
porque

se **eu (fizer)** este gato e **deixasse** durante doze mil
anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor...
não tem:: nenhuma... um valor artístico esta
representação mesmo porque:: é usada por todas as
crianças acho que quase que do mundo inteiro para
desenhar gatos... então **não estou** colocando nadinha
de novo (no tema)... nada de original certo?

(Inquérito 405, EF, linhas 281-288)

No exemplo (88), o interlocutor opina a respeito do modo como se pode entender o funcionamento do esquema em que trabalham os engenheiros construtores de pontes. O discurso é considerado autocentrado, pois há presença de

verbos em primeira pessoa (assinalados em negrito), e o informante está expressando uma opinião pessoal sobre o assunto. Mas também se encontram marcas heterocentradas (alientadas com grifos). Ou seja, mesmo em um discurso autocentrado, a presença do outro é muito clara, afinal, o sujeito não existe sozinho, ele necessita do outro para se estabelecer e, assim, estabelecer a interação. Como também é possível verificar em (89) com a utilização do pronome *ele*, do verbo *vai continuar* e do marcador conversacional *certo?*, representando as marcas heterocentradas, mas há o predomínio de marcas autocentradas com o uso do pronome *eu* e os verbos *acho, estou, fizer*.

Tabela 10. A quem estão voltadas as marcas de subjetividade e intersubjetividade produzidas pelo falante.

Inq.	062 (D2)	343 (D2)	356 (EF)	405 (EF)
A	24%	43%	48%	32%
H	76%	57%	52%	68%

A- Marcas autocentradas.

H- Marcas heterocentradas.

Por meio da tabela 09, certifica-se a intersubjetividade do texto oral, que demonstra, a todo o momento, a presença do outro e a importância de sua participação para a construção do texto falado. Em ambos os tipos de inquéritos, as marcas heterocentradas estão presentes continuamente, sempre seguidas de marcas autocentradas que, apesar de estarem em menor porcentagem, são características importantes para o texto.

4.3.4 Grau de envolvimento

A próxima variável está relacionada ao grau de envolvimento das marcas: maior envolvimento, quando há pronomes e desinências verbais de primeira e

segunda pessoas, ou de menor envolvimento, quando tais marcas não se manifestam. Nos exemplos a seguir, há maior envolvimento entre os interlocutores:

Exemplo (90)

(Discussão acerca dos campos mais procurados na área de Engenharia)

L1 não **eu não acho** que a tendência da Engenharia... nuns campos aí... foi a seguinte é realmente acompanhar o desenvolvimento certo? o que **nós precisamos** para o desenvolvimento? a começar... a desenvolver as indústrias de base...

L2 exato...

L1 e estava mais voltado para para para a área da das químicas... certo... e o campo da Eletrônica... que são as maiores novidades que estão surgindo... hoje o:: a matéria plástica ela substitui quase tudo...

(Inquérito 062, D2, linhas 1025-1034)

Exemplo (91)

(Os informantes discutem as relações entre a máquina e o homem.)

L1 e cada vez **você vê** que... a máquina... substitui o homem mais o homem... numa porção de coisas... e **minha dúvida** era a seguinte pô como vai chegar uma hora que **você**... só tem máquina... como é que faz?... ou será que vai ter essa hora?

L2 **não sei** por que que se dá o valor mas... o que **eu sinto**

é que::... como a máquina tem um ritmo artificial... e
 que... e quanto mais **você está** rodeado por máquinas mais
você perde o contato com::... com ciclos que são naturais
 ...isso dá mais angústia assim... falando bem em termos gerais...
 (Inquérito 343, D2, linhas 831-837)

Exemplo (92)

(fala dos livros didáticos)

bom nesse

ponto... **nós vamos chegar** a um ponto agora... **eu ainda teria**

muito a dizer... sobre... o.... os livros didáticos que **me**

parecem... éh... bons na intenção... mas bastante deficientes

na realização... éh... o que **me parece** que fica... em geral... a

crítica geral que se pode fazer é esta...

(Inquérito 356, EF, linhas 272-277)

Nos trechos dos exemplos (90), (91) e (92), é possível verificar um maior grau de envolvimento entre os interlocutores pela presença de pronomes e desinências verbais de primeira e segunda pessoas, como *eu não acho* e *nós precisamos*, no exemplo (89), *você vê*, *minha dúvida*, *não sei*, *eu sinto* e *você perde* no exemplo (90), e *nós vamos chegar*, *eu ainda teria*, *me parecem*, *me parece*, no exemplo (91).

Nos dois inquéritos, 62 e 343, houve o predomínio de marcas denotadoras de maior grau de envolvimento. No inquérito 343, porém, esse predomínio foi mais acentuado, devido ao caráter polêmico dos temas tratados nesse inquérito, com efeito, os problemas da cidade e o comportamento dos seres humanos geram mais

controvérsias que discussões acerca de escolha profissional. Além dos temas serem polêmicos, existe maior proximidade entre os interlocutores (os informantes são irmãos), contribuindo para um maior grau de envolvimento. Ressaltando, mais claramente que nos demais exemplos, o papel da função de contato, que está ligada à familiaridade entre os interlocutores.

O maior grau de envolvimento entre os participantes prevalece nos inquéritos 62 e 343 por serem eles, os interlocutores, quem constróem o texto falado por meio da interação. Os interactantes estão sempre interagindo um com o outro, em envolvimento.

As marcas de maior envolvimento decorrem, principalmente, do tipo de interação. Se a interação for do tipo entrevista, o grau de envolvimento será menor, já que “os turnos que correspondem às respostas tendem a ser longos e não sofrem intervenção do interlocutor no sentido de tomar o turno” (DIONÍSIO, 2001, p. 84). No caso das elocuições formais, o envolvimento será menor ainda, uma vez que apenas um interlocutor é responsável pelo turno, os demais participantes são apenas ouvintes. Quanto aos diálogos, a interação que está sendo estudada neste trabalho, o grau de envolvimento é maior, por se tratar de uma interação em que os interlocutores têm participação igualitária na conversação, não há retenção do turno por parte de apenas um dos interactantes.

Tabela 11. Grau de envolvimento entre os interlocutores.

Inq.	062 (D2)	343 (D2)	356 (EF)	405 (EF)
M	58%	74%	33%	47%
E	42%	26%	67%	53%

M- Maior envolvimento
E- Menor envolvimento

4.3.5 Relação com o desenvolvimento tópico

Essa variável refere-se ao desenvolvimento tópico que pode estar ligada ou não à ele. Quando ligada, apresenta marcas de interessoalidade que são representadas por marcadores proposicionais de opinião, sendo grande parte construídos por verbos de valor cognitivo (*acho que, você sabe que, creio que*). Destacando-se que se trata de uma opinião pessoal, individual com valor subjetivo, utilizada para causar no ouvinte o efeito desejado:

Exemplo (93)

(Comentário sobre especialização profissional)

L2 quer dizer que o teu conhecimento especializado não dá
para... só atinge uma área muito licitada e não dá...
ah **eu não sei... acho que::** eu... **sabe...** aí **eu acho que**
o ... não mudou muita coisa... se você pensar... assim numa
época em que... por exemplo... o trabalho era bem
artesanal... então você tinha o sapateiro... o:: ((tosse))
(cocheiro) não sei quê não sei quê né?... todo mundo
muito em simbiose muito dependendo um dos trabalhos
dos outros... **acho que** a especialização veio com...
com a diferenciação humana... mas... **sabe... acho que**

(Inquérito 343, linhas 933-942)

Exemplo (94)

(O informante compara teatro com empresa)

Doc. É e **sabe que** mesmo dentro por exemplo do teatro às vezes há várias áreas né? por exemplo...

L2 tem tem o:: pequenininho ali o::
aquele::... que faz uma pontinha lá... que tem esperança no futuro de ser um grande ator um grande atriz... então vai... vai lutando... quanto que **você acha que** ganha um::... um ator principal numa peça aí... que... digamos aí do... do Hair quanto que **você acha que** ganhava por mês... **você acha que** ganhava mais do que quatro mil cruzeiros?
é amor **eu acho** teatro **acho que** é amor é arte que o indivíduo gosta de fazer aquilo...

(Inquérito 062, linhas 1315-1326)

As marcas de interpessoalidade ligadas ao desenvolvimento são geralmente representadas por marcadores conversacionais de opinião como *eu não sei*, *acho que*, *você acha que*, em que os interlocutores expõem uma opinião pessoal com o objetivo de provocar no ouvinte a reação esperada.

Outro caso em que a marca está relacionada ao desenvolvimento são as fórmulas pelas quais se solicita que os interlocutores desenvolvam o tópico.

Exemplo (95)

(O documentador introduz o assunto – clima de São Paulo)

Doc. bom o:: vocês poderiam no caso falar então de início para nós né?... se o Clima de São Paulo... que é um

clima assim um pouco... ((risos)) confuso ((risos))... afeta
 por exemplo a vida de um dos dois... então vocês
 conversando gostaria que vocês falassem assim sobre o
 clima... é um... é um... pouquinho chato mas vamos
 ver se dá né ((risos))
 (Inquérito 062, linhas 01-07)

Exemplo (96)

(O informante introduz o assunto – confiança do homem na máquina)

L1 ()... gozado a confiança que o homem tem em máquina
 né? mas... eu estava pensando... será que isso é...
 sem::pre... desde que começou s haver máquina... sempre
 há desconfiança?

(Inquérito 343, linhas 808-811)

Por meio dos exemplos acima, certifica-se que as marcas de interpessoalidade são menos freqüentes quando a conversação não está relacionada ao tópico. Assim, conclui-se que não há uma relação acentuada entre as marcas de subjetividade e a continuidade de assuntos.

Tabela 12. Relação com o desenvolvimento tópico

Inq.	062 (D2)	343 (D2)	356 (EF)	405 (EF)
T	16%	18%	08%	02%
N	84%	82%	92%	98%

T- Ligada ao desenvolvimento tópico

N- Não ligada ao desenvolvimento tópico

Na categoria, relação com o desenvolvimento tópico, predominam as marcas de subjetividade que não estão ligadas ao desenvolvimento tópico.

4.3.6 Valor de atenuação

Nesta variável, será estudado o valor de atenuação das marcas de subjetividade e intersubjetividade.

A última variável refere-se ao valor de atenuação, e é utilizada para diminuir a força ilocutória do enunciado, principalmente quando o falante se expõe de forma direta: pedidos, atendimento de pedidos ou recusa em fazê-lo, perguntas diretas ou indiretas, respostas, manifestações de opinião. Os locutores fazem uso de marcadores de atenuação (*acho que, eu não sei se*), com o intuito de não se responsabilizarem por aquilo que estão dizendo, evitando questionamentos e objeções.

Exemplo (97)

(o informante comenta um ritual indígena)

L2 **não sei** se ela disse que ((ri)) ela não sabe se ele ficou bom porque não teve coragem de dizer que ainda estava com dor de estômago... ou se realmente melhorou alguma coisa... **eu acho que** não porque ele não a/ se não acredita **acho que** não melhora né?...

(Inquérito 343, linhas 772-777)

Exemplo (98)

L2 **eu acho que**:: hoje em dia não basta você somente ser...

capacitado porque:: tem muita gente que... não tantas
 qualidades quanto determinados... com/ éh::
 competidores em determinados cargos e::... na hora
 do escolher... vem você porque é meu amigo... certo?
 ... é isso que **eu acho**

(Inquérito 062, linhas 624-629)

Utilizando os marcadores *não sei* e *acho que*, os informantes demonstram dúvida e incerteza, uma vez que não estão certos de seus argumentos. Assim, ficam livres de possíveis questionamentos.

Por meio da tabela, conclui-se que grande parte das marcas de subjetividade e intersubjetividade não é empregada com valor de atenuação. Não são todos os marcadores de atenuação que possuem marcas de primeira e segunda pessoas, mas apenas os marcadores de opinião e os marcadores de dúvida. A atenuação é uma das funções dos indicadores de interpessoalidade que aponta a presença dos interlocutores.

Tabela 13. Valor de atenuação das marcas

de subjetividade e intersubjetividade.

Inq.	062 (D2)	343 (D2)	356 (EF)	405 (EF)
S	16%	17%	32%	47%
N	84%	83%	68%	53%

S- Com valor de atenuação

N- Sem valor de atenuação

Conclusão

O objetivo principal desse trabalho era analisar as marcas de subjetividade e de intersubjetividade nos dois tipos de textos orais retirados de inquéritos do projeto NURC (diálogo entre dois informantes e elocução formal). Para isso foram estudadas as unidades discursivas e sua estrutura, os processos de construção do texto e marcas específicas de subjetividade e intersubjetividade.

Foram analisados os períodos que compõem a unidade discursiva, presentes no núcleo, podendo ser simples, composto por coordenação, por subordinação ou por ambas. Houve o predomínio de períodos compostos por coordenação e subordinação, comprovando a dialogicidade do texto falado, já que os períodos coordenados colaboram para uma maior interação entre os interlocutores, por serem formados por orações independentes; e os subordinados, que possibilitam a interação entre o falante e o próprio texto, por apresentarem orações dependentes entre si, diminuindo a chance de uma interrupção por parte do interlocutor.

Quanto à margem esquerda, foram estudados os marcadores conversacionais que têm a função de introduzir os enunciados pertencentes à UD. Primeiramente os coesivos, que ligam um tema a outro, garantindo a interação do texto. Em seguida, os de planejamento verbal, que possibilitam ao falante tempo para formular seu pensamento sem ser interrompido por seu interlocutor; e o de opinião, em que o locutor expressa sua apreciação acerca do assunto. Os três tipos de marcadores conversacionais presentes na margem esquerda são essenciais para garantir a interação dos interlocutores com o texto e com eles mesmos.

A margem direita volta-se para o ouvinte e é composta geralmente por marcadores conversacionais de valor fático, que buscam a atenção do ouvinte para o assunto em questão, proporcionando a interação entre os mesmos. Também aparecem pós-pensamento ou “afterthoughts”, em que o falante expressa um pensamento interior, aumentando a interação, uma vez que expõe seus sentimentos permite uma maior aproximação por parte de seu interlocutor.

Por meio da análise dos processos de construção do texto, verificou-se sua importância para a formulação do texto falado. A presença destes colabora para a formulação de um enunciado mais claro e interativo, já que possibilitam informações novas e complementares que auxiliam na compreensão, sanam dúvidas, esclarecem tópicos; aumentando a interação entre os interlocutores e entre estes e o próprio texto, ou seja, caracterizando as marcas de subjetividade e intersubjetividade.

Todos os processos de construção do texto estudados (hesitação, paráfrase, parênteses, correção, repetição e digressão) apareceram nos inquéritos analisados, em alguns em menor frequência, em outros, maior. Mas, como o objetivo desse trabalho não era comparar a assiduidade desses processos e sim sua importância

para o texto oral, fica comprovado que são essenciais na construção do texto falado, seja ele uma elocução formal ou um diálogo entre dois informantes.

O estudo das marcas específicas de subjetividade e intersubjetividade demonstrou que a presença de verbos e pronomes na primeira e segunda pessoas e de marcadores conversacionais é uma ferramenta utilizada pelos participantes para envolver seus parceiros conversacionais, manifestando a subjetividade e intersubjetividade no texto falado.

Após as análises, verificou-se que não houve discrepância quanto aos tipos de inquéritos. Em ambos, a presença dos processos de construção do texto e de marcas de subjetividade e intersubjetividade, além da estrutura das unidades discursivas apresentaram-se sem importantes diferenças. Assim, conclui-se que o texto falado revela manifestações seguidas de subjetividade e intersubjetividade, tanto em diálogos entre dois informantes quanto em elocuições formais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: Barros, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia e enunciação*: em torno de Bakhtin. São Paulo, 1999.

_____. *Fala e escrita em questão*. Humanitas. 2001.

BAKHTIN, Mikhail Miklailovich. *Marxismo e filosofia do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. ed. 4, Campinas, São Paulo: Pontes, 1995, Universidade Estadual de Campinas. P. 51-94.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Ed. da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 1998 – (Prismas).

BROWN, Gillian; YULE, George. *Discourse analysis*. Cambridge University Press. 1983.

CAMPOS, Odette G. L. A. de S. A língua falada: características gerais. In: IGNÁCIO, Sebastião E. (org.). *Estudos gramaticais*. Série encontros. Ed. unesp. 1989. P. 202-216.

CASTILHO, Ataliba T. de. O português culto falado no Brasil. In: PRETI, D.; URBANO, H. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. FAPESP. São Paulo. 1990, p. 141-156.

CASTILHO, A. T. *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989, p. 249-280.

_____. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto. 2004

CHAFE, Wallace L. Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, Deborah. *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. New Jersey: Ablex publishing corporation, 1985. p. 15-51.

DASCAL, Marcelo; KATRIEL, Tamar. Digressions: a study in conversational coherence. In: PETÖFI, J.S. (ed.). *Text vs. Sentence*. Hamburg, Buske, v.29, p.76-95, 1982.

EGGINS, Suzanne e SLADE, Diana. *Analysing casual conversation*. London: Longman, 1997.

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, D. *Análise de textos orais*. Humanitas, 2001.

_____; Andrade, Maria Lúcia C. V. O. ; Aquino G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: PRETI, Dino. *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: ed. Humanitas, 2002. p. 67-88.

_____. Procedimentos de encerramento de tópicos na interação. In: *Signum: estudos da linguagem*. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina., n. 6/2, 2003. 135-150.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. Projetos Paralelos. São Paulo: Humanitas FFCLH-USP. 2001.

JUBRAN, Clélia C. A. S. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASILIO, Margarida (orgs.). *Gramática do português falado*. v. IV: Estudos descritivos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas. 1996, p. 339-354.

KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções*. In: CASTILHO, Ataliba T. (*op cit*). 1989.

_____. *A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual*. In: KOCH (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Educamp. FAPESP, 1997. vol IV.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, Edgar. *A noção de sujeito*. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45 – 58.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2003. vol. 1.

_____. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2003. vol. 2.

OCHS, E. *Planned and unplanned discourse*. In: GIVÓN, T. (ed.) *Discourse and syntax*. New York, Academic, 1979.

PERINI, M. *O papel da repetição no reconhecimento de sentenças*, Ensaios de lingüística 3. 1980, p. 111-123.

RODRIGUES, Ângela C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 5 ed. São Paulo: Humanitas, Projetos Paralelos - NURC/SP, 2001. p. 13-32.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, Projetos paralelos – NURC/SP, 2001. p. 81-102.

7. Bibliografia consultada

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora. 2004.

BAKHTIN, Mikhail Miklailovich. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins fontes, 1982.

BRITO, Célia; OLIVEIRA, Mariana G. F. de. A re-introdução de um tópico: um tipo de processamento cognitivo. In: *Signum: estudos da linguagem*. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. N. 4. Londrina: Ed. UEL, 2001

BRIZ, Antonio. *Cómo se comenta un texto coloquial?*. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1994.

CALLOU, D. e LOPES, C. R. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. Materiais para o seu estudo. V. III Diálogos entre dois informantes. Rio de Janeiro: faculdade de Letras/UFRJ, 1994.

CASTILHO, A. T. *A língua falada e sua descrição: para Segismundo Spina*. São Paulo: EDUSP, Iluminuras, 1995.

CASTILHO, A. T. e PRETI, Dino (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para o seu estudo*. v. II. Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1997.

CHAFE, Wallace L. *The pear stories: cognitive, cultural and linguistics aspects of narrative production*. Norwood (NJ): Ablex, 1980.

CHAVES, Adriana Paula. *Manifestações da língua falada em narrativas escolares*. Tese de mestrado, Universidade Estadual de São Paulo, 2002.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da conversação. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, v. 2, 2001. p. 69-100.

EDMONDSON, W. *Spoken discourse: a model for analysis*. London and New York: Longman, 1986. 2 ed.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Criar Edições. Curitiba. PR.2003.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 1997.

_____ ; CARVALHO, K. A. *Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo*. Intercâmbio: uma publicação em lingüística aplicada, 1997.v. VI (2).

_____. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUÊS, Ângela C. de Souza; ALVES, Ieda Maria e GOLDSTEIN, Norma Seltzer (orgs.). *I seminário de filologia e língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFCLCH/USP, 1999. p. 109-120.

_____. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, Projetos paralelos – NURC/SP, 2001. p. 55-80.

_____ ; TAKAO, Márcia Reiko. A construção do sentido na interação em sala de aula: a reformulação parafrástica. In: LÍMOLI, Loredana; AGUILERA, Vanderci de Andrade (orgs.). *II Selisigno: Seminário de estudos sobre linguagem e significação: Imagem e Memória*. ANAIS. Londrina: Ed. UEL. 2001.

GIORA, Rachel. Segmentation and segment cohesion: on the thematic organization of the text. In: VAN DIJK, Teun (editor). *Text an interdisciplinary journal for the study of discourse*. Berlin: Mouton Publishers, 1983. v. 3-2.

HALLIDAY, M. A K. *Spoken and written language*. Oxford University Press, 1989.

_____. *Explorations in the functions of language*. London: Longman, 1973.

HILGERT, José Gaston. O monitoramento de problemas de compreensão na construção do texto falado. In: MORATO, Edwiges M.; BENTES, Anna Christina; LIMA, Maria Luiza Cunha (orgs.). *Caderno de estudos lingüísticos: homenagem a Ingedore Koch*. Instituto de estudos da linguagem. Universidade estadual de Campinas, Campinas., jan./jun. 2003. 223-238.

ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993. v. 2.

JUBRAN, Clélia C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, Ataliba de (org.). *Gramática do português falado*. v. III: As abordagens. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas. 1995.

KOCH, Ingedore G. V. Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Gramática do português falado*. v. VII: Novos estudos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas. 1999.

_____. Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas, 1999. v. 2.

MAGALHÃES, Maria Isabel. Língua oral, língua escrita: uma questão de valores sociais. D. E. L. T. A. , 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez. 2001.

MENCONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas e fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v. 2 – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2001. p. 211-264.

MORAES, L. C. D. *Nexos de coordenação na fala culta de São Paulo*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 1987.

OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy; HILDYARD, Angela. *Literacy, language, and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge University Press. London, 1998.

SILVA, Maria Conceição Fonseca. Pausa em textos orais espontâneos e em texto falados. In: *Linguagem em (dis)curso*. Universidade do Sul de Santa Catarina. Ed. Unisul, v. 3, n. 1, jan./dez. 2002. 109-134.

TANNEN, Deborah (editor). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. New Jersey: ALEX Publishing Corporation, 1989. v. 9.

ANEXOS

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras Ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os... éh::... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco ... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe

		uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/Sp nº 338 EF e 331 D2

OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn*, ta (não por está: tá? Você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh::... (alongamento e pausa)*.
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

PROJETO NURC/SP**INQUÉRITO 343 – BOBINA Nº 130 – INF. Nº 441 e 442****Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)****Data do registro: 15/03/76**

Tema: A cidade, o comércio

Locutor 1: Homem, 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária, (Inf. nº 442)

Locutor 2: Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 441)

L2 uma amiga minha que faz medicina e ela vai sempre
para
o Xingu... no campus avançado da da Paulista né? -- ...
735 ela estava contando do::... de como que funciona o
cacique da tribo que algumas vezes também é o pajé...
e::... ele é simplesmente o cara que caça mais... mais
esforçado lá o que dá duro tal... então quem não está
a fim de dar duro... fica numa posição inferior mas
740 isso é muito assim natural... e o camarada que:: que
tem alguma necessidade -- aí você vai entrar em por que ele
tem essa necessidade mas enfim -- ... que quer::
sobressair então chega um determinado dia ele diz "olha
eu vou caçar... quem vem comigo e quem vem ajudar
fazer a caçada" não sei o que tem ritual parará... e
ele lidera né?... de uma certa forma mas é bem assim em
função do trabalho a mais que ele realiza que ele tem

- uma:: uma posição superior
 L1 e os filhinhos dele... são considerados superiores
 ou não?
 750 L2 não aí eu já não sei já não entrei::... porque lá
 es/ éh::
 tem os kren-akarore não sei mais o que mas
 L1 kren-akarore
 L2 são::... tribos assim que têm mais ou menos a mesma
 estrutura... todos no no... Alto Xingu eu acho Baixo
 755 não sei...e:: aí eu não entrei ((ruídos)) se tem
 algum
 sistema de hierarquia ((fala muito baixo)) pajé é a mesma
 coisa né? que pajé tem uma posição social elevada ... só
 que ((ri)) ela estava contando assim... que uma vez um
 um dos médicos ficou com uma dor no não sei do quê...
 760 dor de estômago e tal... falou "ah vamos chamar os
 pajés
 né?" aí vieram três pajés e ficaram duas horas suan::do
 ali em cima... mas fazendo os maiores estardalha::ços
 e tal acabaram tirando::... (acho que) uma pena uma pena
 de passarinho uma galinha... um negócio assim... pronto
 765 sarou... mas ((ri)) ficaram duas horas ali em cima
 cantando pulando eles... suando mesmo né? literalmente
 L1 e tiraram o quê? pena de passarinho do cara?
 L2 é... um negócio assim... pronto sarou era isso que
 estava
 interferindo... era um espírito não sei das quantas...
 770 que estava né?
 L1 e:: o cara ficou bom?
 L2 não sei ela disse que ((ri)) ela não sabe se ele
 ficou bom
 porque não teve coragem de dizer que ainda estava com
 dor de estômago... ou se realmente melhorou alguma
 775 coisa... eu acho que não porque ele não a/ se não
 acredita acho que não melhora né?... -- você não quer
 dar uma olhada para ver se está gravando? --
 Doc. está está
 L1 confiança absoluta () ((risos))
 [
 780 Doc. nunca falhou ((ri))
 L2 qualquer tom de voz as pessoas que falam mais baixo
 [
 L1 igual
 minha máquina né?
 L2 é
 [
 785 Doc. é
 L1 confiança absoluta
 [
 Doc. o negócio é acreditar porque se não acreditar não dá
 certo
 L2 também é solto esse negócio ainda agora eu lembrei

- 790 de uma outra coisa que as máquinas que:: não têm
 barulho... elas são mais mágicas de uma certa forma
 do que... assim começo de de:: revolução industrial né?
 aquelas máquinas barulhentas e tal e mesmo atualmente...
 o:: barulho de trânsito a polui/ a poluição... auditiva...
 acho que tem uma função de tranquilizar ... eu não sei
- 795 se a analogia está certa mas outro dia eu pensei né?
 (que você) o silêncio na... na selva... é sinal de perigo né?
 a hora que... pára tudo qualquer barulho de passarinho
 e tal é que está havendo algum perigo por perto... e se
 você pensar assim numa hora em que você não ouça mais
- 800 barulho na cidade... acho que tem a mesma
 equivalência
 L1 é mas... que seja num tom baixo o barulho né?
 L2 ah bom isso tudo bem né? ((risos))
 [
 L1 na selva ((ri)) às vezes cada... sei lá... gritaria
 tal... passa
- 805 L2 é mas tem sempre uns barulhinhos nisso aí é que eu
 estou
 [
 L1 (na cidade é constante)
 L2 falando né?
 [
 L1 () ... gozado a confiança que o homem tem em máquina
 né? mas... eu estava pensando... será que isso é...
 810 sem::pre... desde que começou a haver máquina...
 sempre há desconfiança?
 L2 DESconfiança?
 L1 é tanto que se propõe sempre aquilo... o homem... e
 a máquina né?
- 815 L2 uhn
 L1 no colégio... normalmente tem muitas professoras que
 ficam batendo nos alunos para não deixar... se envolver
 por máquinas et cetera né?
 L2 uhn
- 820 L1 eu por exemplo eu uso muito o computador...
 L2 uhn uhn
 L1 então a gente confia no... no() até certo ponto do
 computador a gente dá:: um dado para ele... ele fornece
 outro para a gente... e a gente acredita no que ele fornece
- 825 L2 uhn uhn
 L1 às vezes pode estar erra::do né?... a gente...
 teoricamente... não tem controle... rígido... você tem
 assim uma grandeza... do resultado que deveria dar...se
 ele errou alguma coisinha lá você não pega
- 830 L2 uhn uhn
 L1 e cada vez você vê que... a máquina... substitui mais o
 homem... numa porção de coisas... e minha dúvida era a
 seguinte pô como vai chegar uma hora que você... só tem
 máquina... como é que faz?... ou será que vai ter essa
- 835 hora?

- 840 L2 não sei por que se dá o valor mas... o que eu sinto é que:... como a máquina tem um ritmo artificial... e que... e quanto mais você está rodeado por máquinas mais você perde o contato com:... com ciclos que são naturais ... isso dá mais angústia assim... falando bem em termos gerais... então aquele negócio se você:... quanto mais
você se distancia da natureza... mais você... você perde a percepção a noção de que as coisas ... se dão em ciclos... então... acho que para uma pessoa que viva assim... próxima... a a... por exemplo campo né? ... natureza mesmo... então ela está vendo o sol nascer morrer... a:... plantas crescerem morrerem... colheita e... plantação... sabe?
- 850 L1 ahn ahn
L2 então para ela acho que não é tão difícil aceitar quando
alguém morre... por exemplo... quando você está rodeado de máquinas... o negócio perde um pouco né? aquele ritmo aquele
- 855 L1 é mas
L2 agora porque é endeusado eu não não
L1 não não eu não estava vendo nesse sentido
L2 ahn
L1 acontece o seguinte... quando eu estudei éh::... tive que... éh:: aprender uma série de métodos de... cálculo
- 860 dimensionamento de pontes
L2 ahn
L1 agora vários desses... vários desses métodos não não não são mais necessários... não se aprende porque:: eles estão suplantados né? você não precisa mais calcular o compu/
865 o computador calcula... e cada vez mais o computador adquire... uma:: capacidade de calcular as coisas... não é que ELE adquire () já lançaram... computadores mais aperfeiçoados certo?
L2 ahn ahn
- 870 L1 então eu peguei uma fase em que estava mais ou menos bom:: sei lá eu achei bom::... que eu aprendi bastan::te... como fazer eu mesmo... e depois aprendi como fazer pelo computador... então eu sabia dos dois jeitos né? como eu teria que fazer...
- 875 L2 ahn ahn
L1 utilizando a matemática e... como eu teria que fazer utilizando o computador
L2 ahn ahn
L1 agora não é simples você usar computador... como não é
- 880 simples calcular... então chega um ponto que você não pode fazer os dois... () um dos dois... então se tem aluno de pontes... às vezes eu fico em dúvida se ensino... método por computador... ou método... braçal que seria ele fazer... eu não tenho tempo para para ensinar os dois

- 885 ele não tem tempo para aprender os dois
 L2 ahn quer dizer ensinar só o braçal né?
 L1 não importa... no caso porque isso ainda:: está no meio
 termo mas vai chegar uma hora digamos que... que tem quase tudo se fazendo por computador então o cara aprende como fazer mas::...
- 890 L2 mas você acha que dá?... acho que algumas coisas dá... mas outro dia eu estava pensando nisso... será que...
 [
 L1 eu fico na dúvida... se bem que... que às vezes eu sinto que a coisa evolui mais rápido do que você consegue aprender... então como é que fica?...
 895 a impressão que eu tenho é a seguinte... vai formando um círculo cada vez maior certo?... então antigamente digamos o indivíduo sozinho ele abria um livro... sei lá com o professor e aprendia a fazer a coisa... agora ele depende... de muitas outras pessoas para fazer a mesma coisa... só que faz em menos tempo é mais lucrativo sei lá... certo?
- 900 [
 L2 ahn ahn
 L1 então... antigamente... se eu quisesse calcular uma ponte
 905 ... eu calculava... dava para um desenhista... ele desenhava... agora num escritório... não é assim né? então... depende do arquiteto que vai lançar... a arquitetura da obra... aí eu calculo... o desenhista... desenha... mas eu calculei::... não foi sozinho... eu processei metade... do cálculos... utilizei o pessoal da computação
 L2 ahn ahn
 L1 o pessoal da computação... sabe fazer programa e não mexe no computador... porque o computador fica no Rio... eles têm um terminal de computador... certo?
 915 L2 uhn uhn
 L1 então fica cada vez o seu trabalho... éh... mais especializado e... mais envolvido num... num... por um montão de gente
 [
 920 L2 com outras pessoas para para
 L1 () quem? -- como é que se diz -- que... controla?... se isso não tem... alguma coisa para controlar... ele está se desenvolvendo automaticamente... será que uma hora não fica num... num círculo vicioso num círculo sem saída?... certo você faz uma coisa não sabe fazer a outra
 925 ... o outro não sabe fazer essa coisa... e não sabe fazer outra... mas todo mundo estando ligado funciona... agora... pifa uma máquina... uma peça... que você não sabe repor... não sabe trocar... como é que fica?
 930 L2 você tem que chamar outro para fazer isso...

- L1 é... mas e se não tem outro?... uma hora pode chegar num ... num num erro desse pé né?
 L2 quer dizer que o teu conhecimento especializado não dá
 para... só atinge uma área muito limitada e não dá...
 935 ah eu não sei... acho que:: eu... sabe... aí eu acho que o... não mudou muita coisa... se você pensar... assim numa época em que... por exemplo... o trabalho era bem artesanal... então você tinha o sapateiro... o:: ((tosse)) (cocheiro) não sei quê não sei quê né?... todo mundo
 940 muito em simbiose muito dependendo um dos trabalhos dos outros... acho que a especialização veio com... com a diferenciação humana... mas... sabe... acho que
 []
 L1 mas muito menos que
 L2 aí não...
 945 L1 agora certo? se você não tem sapato... ou não sei o quê
 ()... num esquema mais antigo... você... não tem uma coisa... no fundo no fundo você sabe sair... caça... e:: não morre de fome né?... agora às vezes você pode estar num esquema tão desenvolvido que... por exemplo...
 950 falta luz pára tudo pô
 L2 é isso aí
 L1 sabe
 L2 porque começou depender tanto do do
 []
 L1 (no momento) que falta uma
 955 peça que a... o esquema vai evoluindo... sempre e arranjando peças... criando peças novas vão distribuindo funções... necessárias... quer dizer ele pode estar num esquema de funcionamento... de interdependência muito grande... e que não pode TER::... eliminado alguma
 960 peça... dele
 L2 uhn uhn
 L1 mas se por algum motivo alguma hora eliminar:: o sistema inteiro... pifa né?
 L2 ((ri)) acho que sim né?
 965 L1 será que esse daí não é o perigo lá que o... Nostradamus falou para o ano dois mil?... ele falou que a... vinha um novo... anticristo... você pode interpretar o anticristo como digamos... um novo... entre parênteses computador... um novo sistema né?... de
 970 funcionamento... a coisa está tão... complicada e tão... certo? ele vai reduzindo cada função... para máximo de eficiência... mas fica com uma interde/ interdependência muito grande... hora que... você cortar... o movimento... pifa tudo né?
 975 L2 uhn
 L1 você imagina o futuro... você está no a::alto de um

- predição lá não sei quê... e:: dá uma zebra lá na luz
 L2 cinquenta andares
 L1 cinquenta andares
 980 L2 fica ilhado
 [
 L1 não tem mais escada... porque os elevadores já são
 perfeitos né?... aí pifou
 L2 uhn uhn colapso
 L1 o o... a comida dentro da casa pifa porque a
 geladeira...
 985 acabou a luz né?
 L2 uhn uhn
 L1 que que você faz?... vai caçar onde... comendo as
 [
 L2 mas aí... né? eu acho que... eu
 L1 pombinhas ()
 [
 990 L2 acho que...
 L1 assim passou uma pomba op... entendeu? confusão
 total
 L2 mas tem muita previsão por aí de que a nossa
 civilização
 não dura mais uns cem... duzentos anos... estava o...o
 [
 L1 deixa a gente
 995 L2 Olavo
 [
 L1 aproveitar um pouco enquanto ()
 L2 não mas... que nem... não que vá acabar o mun::do
 essas
 coisa... mas que nem a civilização romana... vai vir
 outro tipo de coisa... mas::... aquele jornalista que
 1000 escreveu o livro () ele estava contando de um... de
 um camarada que ele descobriu aí... um francês que que
 viveu no século dezenove... que era paranormal e... éh::...
 -- não estou lembrando o nome do camarada --... mas
 além de ter um poder de curar incrível... assim... desses
 1005 tipo... sei lá... éh:: Arigó né?
 L1 uhn
 L2 que... tocava na pessoa... e... tchã... desaparecia
 tudo
 ... e o gozado é que o cara tinha todas doenças... era
 assim estropiado na vida... mas...
 1010 Doc. (que azar não?)
 L2 curava todo mundo né?
 L1 pegava... () de doença... como é que chama isso?
 [
 L2 mas é que ele tinha também... éh:: não sei se ele
 pegava
 para ele as doenças dos outros... como é que era... mas
 1015 que ele também tinha um poder de previsão incrível...
 mas assim... vai cair um raio aqui... PEM... ((risos)) o

- negócio era nessa base foi documenta::do
- [
- L1 chega () pedra
- L2 os negócio documenta::do e tudo o mais... e diz que
- a
- 1020 previsão dele é que::... os chine::ses iam dominar a Europa... uns::... duzentos anos assim entre outras
- [
- Doc. quando... quando
- L2 coisas mas aí já é muito elocubrativo né?
- [
- Doc. foi isso aí... o importante é a data né? ((ri))
- 1025 L2 quando ele falou isso?
- Doc. é
- L2 fim do século dezenove acho que foi...
- Doc. é bom saber né? se não vai ser um perigo ((ri))
- [
- L2 não estamos vivos até lá né?
- 1030 L1 eu não me preocupo assim... (do do do) humano com o
- [
- L2 é... eu também não... acho
- L1 o outro né?
- [
- L2 que aí é...
- L1 me preocupo com o humano... se embananando ele
- 1035 sozinho com as coisa que ele cria... sabe? porque você tinha civilizações antigas... mas... o que ela criava o que ela produzia... era muito menos... do que uma... de hoje em dia cria certo?
- L2 uhn
- 1040 L1 não tem digamos... a:: o:: unidade de medida básica para isso... mas se poderia criar né?... o que que eles faziam o que a gente faz... então a gente... em média deve fazer muito mais coisa... e a tendência é cada vez fazer mais certo?... e coisas mais complicadas
- 1045 L2 uhn uhn
- L1 e quanto mais no futuro a complicação aumenta mais ainda né?... certo? ahn::
- L2 sim entendi
- L1 você tem uma civilização o ca::ra... faz um sapato...
- 1050 outro faz o casaco sabe? uma coisa desse tipo... agora é... gravador... tudo
- [
- L2 é
- L1 mecânico... que você também usa e depende
- [
- L2 multiplicou ene vezes
- 1055 L1 que seria da entrevista que... se não tivesse gravador né?
- L2 uhn uhn ((ruídos))

- L1 eu eu não acredito as que que o problemático seja
... chinês:: dominar::... (tudo) isso eu acho que não...
1060 acho que... o embanamento é... pelas complicações
que ()
[
- L2 mas isso eu estou falando a nível de elocubração
porque
também não me preocupa... inclusive sabe... eu não vou
mais estar vivendo... o que me interessa é o espaço da
minha vida sabe?...
- 1065 L1 (qual) mais?... -- como é que estamos no tempo? --
Doc. está está ótimo ((ri)) mais... vinte... não trinta
minutos
L2 trinta ainda
L1 e::... mais alguma orientação... encaminhamento?
[
- Doc. está muito interessante... como
1070 ... como vocês veriam estão a nossa vida... nossa
mesmo talvez ()
L1 por exemplo imaginar::... cada um de nós... daqui a
vinte anos?
Doc. i::sso
- 1075 L1 como a gente estaria?
L2 ah eu vou estar ótima ((ri))
[
- L1 acho que... acho que não vai mudar muito ... nós
[
L2 é em
L1 vamos entrar...
[
- 1080 L2 termos de
L1 sei lá... nós estaremos... diferentes né?
L2 oi?
L1 nós estaremos diferentes assim... posição ::...
atitudes...
L2 mais estabilizados preferivelmente né?
[
- 1085 L1 em esquemas um pouco diferentes
... mas dentro de um... de um repetitivo... não muito
diferente do que... certo? a gente pode dizer... vai estar
diferente não sabe direito como é que está mas dentro de
um caminho... pelo menos em termos... emocionais né?
- 1090 L2 mas aí é:: a gente enquanto indivíduo né?
[
- L1 então... em vez de estar
trabalhando::... sei lá... digamos... numa enxada eu vou
estar apertando um botão de computador... qualquer
coisa desse tipo mas o mesmo esquema...
[
- 1095 L2 eu ouvindo paciente
L1 bateu seis horas... vai para casa... fica com a
família... tem sempre fim de sema::na... correto?

- 1100 L2 uhn
 L1 por mais máquina que tenha tem sempre um um... gente lá... um que manda no de baixo... o de baixo que o/ ... obedece o de cima e:: tem sempre uma estrutura... de inter-relacionamento humano né?

PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO 62 – BOBINA Nº 20 – INFs. Nº 69 e 70

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Data do registro: 05/08/72

Tema: Tempo cronológico, instituições, ensino, profissões.

Locutor 1: Homem, 26 anos, solteiro, vendedor, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 70)

Locutor 2: Homem, 26 anos, solteiro, estatístico, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 69)

- 570 L2 inclusive eu li ainda há poucos dias que::...
 Psicologia... Economia... e Medicina estão::... os campos estão saturados
 L1 por incrível que pareça hoje em dia falar em pesquisa é::... achar que a pessoa vive de poesia né?...
 ((vozes incompreensíveis)) você não acha?...
 [() o::...
 Doc. L1 hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia... não dá
 [((riu)) é verdade
 Doc. L1 quer dizer... o pessoal não teria nem nem para a subsistência... então realmente talvez se; seja o motivo... (certo%)... e ele realmente está fugindo um pouco quem sabe a:: a a técnica vá... vá ressentir a falta desses elementos... então por um outro lado... o que estão o que está acontecendo... você vê os técnicos eles estão suprimindo... poxa em outras épocas aí... talvez hoje mesmo... exista uma uma rivalidade entre o engenheiro e o técnico...
 L2 existe...
 L1 eles brigam pelas posições...
 [existe...
 L2 L1 agora eu eu diria... do ponto de vista da empresa... deve absorver um engenheiro ou deve absorver um técnico? às vezes em termos de despesa... é mais vantagem adquirir um um técnico
 [um técnico
 L2 L1 inclusive ele vai... suprir perfeitamente... vai atender perfeitamente a necessidade da empresa... Naquele aspecto... como a empresa às vezes não tem disponibilidade financeira para... para manter um indivíduo estudando... como modificar sua (té) como

aperfeiçoar tudo isso.... que isso vai acarretar gastos muito grandes então ela prefere... absorver um técnico... ele executa perfeitamente FAZ a máquina funcionar... e o engenheiro fica de uma certa forma deslocado... acredito também seja esse UM motivo pelo qual ... está havendo essa essa imigração L2 para a área da administração... L1 das áreas de produção para as áreas de administração... L2 e com isso os.... economistas e administradores encontram já o campo saturado mas não... formados por economistas e administradores

[
L1 nós temos que estudar bastante né? ((risos))
L2 precisamos qualidade né?
L1 é exato porque::... dentro da profissão acho que... SOmente sendo muito bom mesmo... porque:: é um fato você vê...
L2 o o eu não diria somente ser muito bom... viu ((pigarreou)) ô G...
L1 - - empostou a voz... agora vai hein? - -
L2 eu não diria somente... existe muito também e::... é apresentação entende?
L1 uhn uhn...
L2 eu acho que:: hoje em dia não basta você somente ser... capacitado porque:: tem muita gente que... não tantas qualidades quanto determinados... com éh:: competidores em determinados cargos e::... na hora do escolher... vem você porque é meu amigo certo? ... é isso que eu acho eu acho que também existe um pouquinho do... do relacionamento... da pessoa... da apresentação do indivíduo dentro de determinada organização... isso você não sei se... se você prestar atenção você::... notará às vezes você possui determinadas... qualidades superiores a um competidor seu e você não é aproveitado...
L1 é... são as cartas de recomendação né?...
L2 então ainda...
L1 isso existe em todo local né?... precisa realmente ter aquela recomendação... mandado por fulano de tal::... sempre ele é melhor aceito né?
L2 certo...
L1 agora::... ((pigarreou)) inclusive falando um pouco da Medicina aí você veja como é que está a situação hoje em dia ela está; socializada né?... ela está:: completamente::... regularizada através de dessas interCLInicas
L2 exato conVÊnios

[
L1 a situação do médico... também é uma situação difícil... em termos de mercado de trabalho também é uma situação difícil... HOje já está existindo também... muita quantidade... está existindo uma certa facilidade

inclusive parece que existe... leis aí... éh::,.. em termos de fiscalizar essas escolas de Medicina porque (ter) uma escola de Medicina tem que ter... naturalmente um hospital... tem que estar ligada a um hospital para poder atender::... atender as::... exigências do curso do curso de Medicina

[

L2 do curso

L1 o médico hoje em dia ele está... se sujeitando mui::to ... a empre::gos tal... a situação do médico eu acho que está... bastante difícil

Doc.mas dificuldade existe mesmo com as especializações?

L2 eu creio que existe...

[

L1 olha mesmo com as especializações... tem as boas espre; especializações as que dão dinheiro... então por exemplo posso te citar se você... dez que... otorreno... é uma coisa que dá muito dinheiro... psiquiatria pô... dando fortunas... certo?... São Paulo é uma cidade

PROJETO **NURC/RJ**
INQUÉRITO **356** - **BOBINA** **113** - **INF** **347**
Tipo **de** **entrevista:** **elocução** **formal** **(EF)**
Duração: **40** **minutos**
Data **do** **registro:** **3/5/77**
Tema: **Criatividade** **e** **redação** **no** **nível** **superior** **de** **ensino.**
Informante: **sexo feminino, 30 anos, formação universitária: Letras, carioca, pais cariocas, área residencial: Zona Sul.**

180 Inf.: o que Maria Helena faz... ou seja... ela

parte da comunicação em geral... ela parte... do código...

lingüístico mas também... focaliza outros meios de

comunicação que não sejam... o da linguagem articulada... ou

seja... a linguagem de trânsito por exemplo... ela utiliza...

185 onomatopéias e interjeições para introduzir... o código de

linguagem articulada... e a partir daí ela entra no texto

literário... e não só no literário... ela traz também textos de

jornal... ela traz... textos... éh... como linguagem de

requerimento... por exemplo... ela traz a Declaração dos

190 Direitos do Homem... ou seja diversas modalidades... de...

linguagem... bom... mas ao lado deste bom livro de Maria

Helena Silveira... há também o da Ada Rodrigues que é

muito bom... aparecem livros... deste tipo... os livros... são

muito coloridos... eles são muito... atrativos... e uma das

195 críticas que o Osman Lins faz naquele artigo que eu já citei...

o artigo se chama "O que os alunos desaprendem de literatura

Brasileira..." uma das críticas que Osman Lins faz... é

justamente... o fato de os alunos serem atraídos NÃO pelo...

hábito de ler... NÃO... pelo texto em si... não pela língua que

- 200 eles vão manipular... e que eles vão usar pela vida a fora e
sim eles são atraídos pelo que é mais fácil... o que é mais
digerível... ou seja... o alu/ o professor escolhe... o texto...
porque o aluno... vai ficar satisfeito com aquele texto na
medida em que ele conhece o Chico Anysio da televisão...
- 205 mas nem sempre um trecho do Chico Anysio vai trazer...
elementos estéticos ou elementos literários pertinentes à
matéria a ser transmitida... então... este livro aqui... que... é
da... maria Gessi Militão e Marisa Serrano Feseli...
me afirma na página cinquenta e um... da oitava série... o
- 210 seguinte... ((inicia leitura do texto)) "os modernistas da
primeira fase... vão se importar APENAS com o
significado... isto é... o conteúdo..." ((termina leitura do
texto)) ponto... acabou a informação... então o que acontece...
é que... se por um lado a Comunicação e a Expressão...
- 215 ampliaram a visão da língua... ou seja... a... questão de
comunicação não está restrita ao código verbal... e isto é
válido... e isto é desejável porque como diz o... o Samir...
o... o Samir Curi Messerani... que é o autor de uma série
didática chamada "Criatividade"... que eu acho excelente...
- 220 visando ao ensino de redação... ele diz... não adianta nós
lutarmos contra os meios de comunicação de massa...
porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós
estaremos fora da realidade dos alunos... porque os... eles já
entraram no aluno... não adianta afastar essa possibilidade...
- 225 mas no momento em que nós ampliamos demais... né? nós

corremos o risco... de dar informações deste tipo... quer
dizer... ((cita texto lido)) "os modernistas da primeira fra...
fase se preocuparam apenas com o conteú... com o conteúdo
da mensagem..." ((termina citação)) ora... o que acontece
230 nestes livros de Comunicação e Expressão e no exame dos
quinze livros... com... raras exceções... com três ou quatro
exceções... o que me pareceu haver... é uma tremenda mistura
de conceitos... ou seja... o professor começa... dando um
conceito do que seja signo lingüístico... por exemplo... bom...,
235 no capítulo seguinte... ele não... vai jogar com semântica...
né? com... com as variações de significado ou de
significante... no caso da fonética... não... ele passa pro
conceito... por exemplo de sintagma... dois minutos depois
ele me vem com função poética do Jakobson ... né? ele me dá
240 todas as cinco funções... bom... há uma mistura terrível de
noções de teoria literária... com noções de lingüística...
porque o próximo capítulo é de modernismo... então ele me
afirma alguma coisa deste tipo que eu acabei de ler... então...
o que acontece é que em vez de se ampliar... pertinentemente
245 o âmbito do ensino... o que está ocorrendo nos nossos alunos
é uma fragmentação do ensino... ou seja... ele perde a noção
do todo... e fica com uma série... de aspectos teóricos...
isolados... que ele não sabe vincular à realidade nenhuma de
seu idioma... isto é válido também para a Faculdade de
250 Letras... ou seja... né? há uma série... de conceitos teóricos...
que têm nomes bonitos e sofisticados... mas que... na hora de

serem empregados... deixam muito a desejar... eu não digo
que nós não devamos... éh... estudar lingüística... não é esse o
meu ponto de vista... eu acho... ao contrário... altamente
255 pertinente -- estudei lingüística nesta Faculdade e não faço
outra coisa... durante a minha carreira... senão utilizar os
conceitos de lingüística -- mas não ... a lingüística pela
lingüística... ou seja... né? o aluno... apenas operar com o que
seja um sintagma... então... por que que é importante a noção
260 de seqüência e a noção de sintagma? por que que nós não
vinculamos isso... à coordenação... e a subordinação...
tradicionais? por que é que na hora que o professor... que
vem... com um aparato... né? com livros coloridos... os livros
cheios de imagens e fotografias... e ele motiva o aluno... de
265 repente ele corta a sua aula... e diz... hoje nós vamos estudar
orações... dois pontos... as orações se dividem em...
coordenadas e subordinadas... as coordenadas podem ser...
sindéticas e assindéticas...ou seja... ele quebra toda... a
estrutura da língua... quando ele... chega em sala de aula...
270 com um esquema pronto e lança isso... ao aluno... sem
perguntar sequer ao aluno se o aluno sabe o que é uma
subordinação... o que é uma coordenação... bom nesse
ponto... nós vamos chegar a um ponto agora... eu ainda teria
muito a dizer... sobre... o... os livros didáticos que me
275 parecem... éh... bons na intenção... mas bastante deficientes
na realização... éh... o que me parece que fica... em geral... a
crítica geral que se pode fazer é esta... há uma mistura de

conceitos... lingüística e gramática normativa se misturam...
teoria literária... e... lingüística se misturam...semiologia e
280 lingüística se misturam e o aluno acaba não sabendo o que
fazer com tudo aquilo que ele aprendeu... então eu
sugiro...quer dizer... um dos outros problemas é que... a
redação... que é o principal e objetivo primeiro... do ensino
do primeiro e segundo graus... tem sido marginalizada... né?
285 vocês devem ter contato com alunos... né? em colégio esta...
em colégios estaduais e... e... e... mesmo ... éh... particulares
e também foram alunos de colégios... e sabem perfeitamente
que são RARAS... as aulas dedicadas à redação... ou seja... o
que acontece é que precisa haver uma nota de redação...
290 geralmente de dois em dois meses o professor um dia chega
em sala de aula e diz... redação... tema tal... o aluno senta e
escreve... o professor dá uma nota... baseado normalmente
em critérios formais... ou seja... ele corrige ortografia...
sintaxe... morfologia e acabou a aula de redação... ele passa
295 pra noções teóricas... então... nesse trabalho eu sugiro... um
outro método... ou seja... primeiro... a primeira coisa... é
óbvio... né? que tem de haver uma reforma... no sentido de
que os professores sejam bem remunerados... porque com a
remuneração que os professores recebem não é possível eles
300 terem tempo para corrigir essas redações... para dar essas
redações... para discutir o tema com os alunos... para motivar
o aluno... tudo o que seria desejável... ele já não tem...
porque o que acontece é que ele é mal remunerado... então

ele dá trinta e cinco aulas por semana e mal tem tempo para
305 chegar em casa e poder realmente... corrigir essas redações...
bem... então a primeira sugestão é que o governo apóie... os
professores... aumente a carga horária e a remuneração... em
segundo lugar... que se... motive o aluno... ou seja...se
proponha um tema que seja discutido em sala de... por
310 exemplo... saiu um artigo no jornal interessante... de interesse
geral... alguma coisa que possa despertar polêmica... esses
alunos debateriam numa aula... seriam duas aulas seguidas...
debateriam o tema... um grupo iria discutir... discutir esse
tema... e o resto da turma não participaria... e isso foi
315 sugestão de um outro grupo do ano passado de Problemas
Brasileiros que eu adotei... citando o grupo naturalmente... e
achei muito boa... ou seja... na hora que um aluno... quer dar
a sua opinião sobre o tema debatido... ele então... vai escrever
a sua opinião... quer dizer... ele não... se permite que o aluno
320 fale até determinado momento... quando ele está querendo
participar... então o professor diz... não... escreva o que você
está pensando... e... no início o critério de avaliação... poderá
ser bastante flexível... ou seja... éh... nós vamos procurar...
despertar no aluno uma capacidade de expor o conteúdo de
325 uma maneira lógica... e com pertinência ao tema... a partir
daí... num segundo estágio... nós poderemos colocar algumas
questões de gramática e... o que eu achei excelente -- isso
também foi sugestão de outro grupo... não é sugestão minha
-- é que o... o... o grupo disse... nós não devemos corrigir...

- 330 ou seja... pegar a redação e colocar a forma certa... nós
devemos... assinalar o erro... colocar um número ao lado
desse erro e o aluno... estaria de posse de uma apostila... de
alguma coisa... um... um roteiro... em que os números
corresponderiam aos erros... por exemplo... número um seria
- 335 ortografia... então em vez de o professor riscar aqui o
arbitrário com agá... o professor apenas sublinha o arbitrário
e dá ao aluno as fontes onde ele pode encontrar essa palavra
corretamente escrita... ou seja... um dicionário.. então...
número um seria ortografia... onde o aluno pode procurar a
- 340 palavra correta? em um dicionário... então... o professor
sugeriria um bom dicionário... né? que não se sugira o do
MEC... que saiu agora uma reportagem contra do Silveira
Bueno... né? que se sugira um outro... bem... em segundo
lugar... por exemplo... o problema de concordância... então...
- 345 número dois seria concordância... em vez de colocar a
concordância correta... o professor colocaria a... fonte de
pesquisa... ou seja... Evanildo Bechara... "Moderna
Gramática Portuguesa"... Celso Cunha... "Gramática da
Língua portuguesa"... páginas tais e tais... onde o aluno
- 350 poderia procurar... o que é concordância... então ele
começaria a... ter uma certa... noção... de que... a gramática
serve pra aquilo que ele escreve e não só pra aquilo que o
escritor escreve... ele não vai aprender a gramática como
alguma coisa isolada... do contexto dele... aluno... e não do
- 355 profes... do... do escritor... então ele iria à gramática... e

- tiraria dali as normas... isso seria dado em termos de trabalho de casa... ou seja... o aluno teria de trazer a sua redação corrigida por ele mesmo... com a forma correta após este aluno pesquisar... na fonte aquilo que ele errou... quer dizer...
- 360 o professor não assume aí uma atitude paternalista de está errado e eu dou a forma certa... ele assume uma atitude de orientador da pesquisa... quer dizer... eu acho isso muito válido e muito eficaz em termos de ensino... e uma outra
- 365 sugestão também é que... se faça... na Faculdade de letras... além de um curso de redação... não do mesmo nível do primeiro e segundo graus... quer dizer... um curso... de dissertação propriamente dita... porque os alunos... pelo visto... não sabem... né? redigir... não sabem estruturar seu
- 370 pensamento... porque ensinar... a escrever é ensinar a pensar... como diz o Othon Moacyr Garcia... eles provavelmente não sabem nem pensar... então o curso... na Faculdade de Letras... poderia dar... essa orientação... ou seja... o professor daria princípios de lógica... cobraria do
- 375 aluno uma certa pertinência ao te... ao tema proposto... daria uma redação... o próprio aluno pesquisaria... os problemas que essa redação apresentasse... e... ao lado disso... poderia haver um outro curso... e este curso eu acho que deveria ser optativo... que visasse mais a despertar a criatividade do
- 380 aluno... ou seja... do estudante no caso... né? de nível universitário... ou seja... existem... éh.... pessoas aqui que querem ser escritores... poetas... cronistas... contistas... etc...

eles não recebem o menor apoio na Faculdade de Letras...
eles não em um curso dedicado a isso... então se houvesse...
385 por exemplo... um curso optativo... né? porque nem todo
mundo pretende abraçar esta carreira... em que o... estudante
pudesse treinar... exercitar esse seu talento... ou seja... ele
escreveria crônicas... contos... poemas e um professor
julgaria e a turma julgaria também... e haveria então uma
390 coordenação entre as cadeiras de teoria literária...de
lingüística e de língua portuguesa... para que os critérios de
correção... pudessem ser pertinentes... não é? éh... a partir
daí... também uma sugestão que eu dou no meu trabalho é
que se promovam concursos na Faculdade de letras... ou
395 seja... estes alunos que criam... crônicas... ou contos ou...
poemas ou... mesmo... romances... poderiam concorrer... a
algum prêmio aqui dentro da Faculdade de Letras... isto seria
apoiado pela direção... e nós poderíamos inclusive convidar
escritores... e pessoas interessadas no assunto para julgarem
400 estas obras... isso motivaria o aluno a escrever...

PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO 405 – BOBINA Nº 141 – INF. Nº 489

Tipo de inquérito: elocução formal (EF)

Data do registro: 02/05/77

Tema: A arte pré-histórica: o paleolítico (aula de curso secundário)

Informante: mulher de 36 anos, desquitada, professora secundária, paulistana, filha de pais brasileiros. 2ª faixa etária.

145 ((interferência de locutor acidental))... exatamente
porque naquela época... o que existia era os bisontes
e os mamutes também... alguns mamutes...
mamute... vem a ser... o bisavô... do elefante...
((risos))... - - Betina... ((vozes))... já resolveu? tudo
bem -- ... bom... então primeiro em nível de tema...
a seguir... qual seRIA... o motivo pelo qual... eles::

... começaram... a pintar ou a esculpir... estas formas... ((vozes))... Betina... ((vozes))
 eXAtamente ... nós vamos chegar aí... e hoje quando a gente senta... e:: para fazer uma obra de arte... mais ou menos... a gente se dispõe... a gente pára aquela vida cotidiana da gente... a gente se tranca em algum ambiente se possível põe um aventalão:: e se fantasia de artista... é algo desligado de nossa vida quer dizer é uma faceta que a gente assume um papel novo... agora neste momento eu vou trabalhar com barro vou fazer minhas criações ou eu vou pintar um quadro... ou eu vou fazer ahn uma::... JÓia... certo? mas é:: uma faceta... MUIto especial da vida da gente... da qual a gente tem que desligar todos os interesses práticos... certo?... não é só porque eu preciso me vestir que eu vou fazer um vestido:: maravilhoso... ou que eu vou bordar... uma:: tela para pendurar em casa porque eu preciso de aquecer a casa... NÃO... é porque eu acho bonito... mas... se a gente está num nível de vida... em que a preocupação principal é se manter vivo... qualquer atividade nossa vai estar relacionada com:: com essa preocupação... então surge a arte SURge não em função:: de uma necessidade de auto-expressão... nem em função de uma necessiDAde... de::... embelezar o ambiente em que eu vivo... deveria ser uma necessidade estética de ver coisas bonitas... mas Unicamente... em função da necessidade de eu assegurar... a caça... e continuar podendo comer e me manter vivo... então vejamos... no momento em que o homem... pré-histórico por uma razão qualquer mexeu... no carvão mexeu nos ossos carbonizados ficou com a mão... suja preta... e encostou as mãos na parede... ele percebeu que ele era capaz de CRIAR::... e criar uma imagem::... que TANta semelhança... como objeto real... que era a mão dele... neste momento... as coisas para eles ainda estão muito confusas quer dizer... criar uma pessoa... ou criar uma imagem é mais ou menos a mesma coisa... no sentido de que nós estamos criando uma coisa nova... do nada... eu não tinha nada aqui passo a ter a imagem da minha mão... e esta idéia de criação é que ainda () e representação... não foi aINda... estabelecido... na medida em que as duas coisas são reais... que as duas coisas fazem parte do mundo e têm e passam a ter uma existência... eles ainda não se preocuparam... com o problema de um se:r... a representação do outro... e isto DEve ter dado uma sensação de poder... uma sensação... de poder... uma sensação... de domínio sobre a natureza... que no final das contas toda a evolução humana... não deixa de ser exatamente a

evolução do domínio que o homem tem sobre a natureza... a possibilidade que ele tem de manipular as coisas em seu próprio proveito... certo?... está claro até aqui?... então:: ele vai tentar usar esta criação... que ele é capaz de fazer... para garantir a caça... pois ele é capaz de criar algo... que se pareça MUIto... com aquele animal que está correndo lá FOra... ora... isso dá a ele... então um poder sobre aquele animal... e no momento que ele é capaz:: de desenhar... - - aqui a única coisa que eu sei fazer é um gato - - ... a hora que ele é capaz... de desenhar este animal... ele é capaz... de desenhar este animal... ele vai ter poder sobre a vida dele... então isto vai garantir... que ele traga este animal de volta para casa (sem) ser comido... COmo.... que nós a es:ta?... teoria... não deixa de ser uma teoria... como que nós chegamos a ela?... por alguns fatos... primeiro...alguns desses animais eram representados com; uma flecha... cravada neles... o QUE:: enquanto representação enquanto imagem não tem sentido eu matar uma imagem... que a imagem não tem vida nem sentido... ela existe:: mas ela não é vivente... certo? ((vozes))... outras vezes não dá para comer olha O:: Carlitos conseguiu comer um par de sapatos né?... mas comer a:: a imagem na pedra ia ser bem mais difi: precisava de dentes MUIto mais fortes que eu acho que não havia não... e também não tinha sal:: temperinho porque às vezes agora a gente precisa tomar sopa de pedregulho né?... mas a gente põe algumas outras coisas para melhorar o gosto... naquele tempo ia ser muito (difícil)... outras vezes... em vez da representação da flecha então da morte simbÓlica não? representada... nós íamos encontrar MARcas aqui de que flechas reais foram atiradas... contra a imagem... então esta seria uma das razões... a segunda razão... seria o fato que nos leva a pensar... na:: na arte nascendo ligada à magia... é o fato de que essas representações eram feitas sempre na parte escura das cavernas... MUIto no FUNdo... de maneira que não era de maneira alguma para ser vista... no escuro a gente não pode ver... a própria COR... de pende da luz... ou... é... um problema de luz... de iluminação... certo?... então não havendo a luz... não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e portanto não existe a cor.... então não haveria sentido em pinTAR... iMAgens:: num lugar escuro... há ainda uma terceira razão... ((interferência de locutor acidental))... por ser no escuro... demonstra... que a imagem não foi feita... para decorar a caverna... ou para ser vista por outras pessoas... certo? por exemplo numa igreja hoje você

tem imgs que representam... um idéia religiosa
 um série de coisas mas que estão lá para ser vistas
 também... a igreja é clara... no fundo da caverna
 nem isso eles não puderam ir lá:: orar:: digamos...
 porque ele não veriam a:: as imagens... certo?
 então... não foi feita para ser vista... uma terceira...
 razão:: é que eles sobrepunham as imagens... então
 nós vamos encontrar... em cima de um bisonte
 a imagem de um veado... então não tem
 importância que aquela que aquele espaço já tivesse
 sido ocupado por uma imagem... se o próximo
 animal (que eu) preciso caçar é um cavalo eu vou
 desenhar um cavalo em cima daquilo... não tem
 importância... ficar uma sobreposição de imagens...
 porque não é para ser visto... certo? agora a
 fi-na-li-da-de com que ela foi feita não impede...
 que elas tenham um valor estético quer diz que
 elas se mantenham até hoje... que a gente Olhe
 e ache que é obra de arte... porque hoje para
 nós... não influi mais o fato... delas terem sido feitas
 com uma finalidade mágica porque nós não
 dependemos da caça mais... mas é possível a gente
 olhar para elas e ainda se espantar com a QUALidade
 da representação então são dois fatos diferentes...
 a finalidade (para o que) ela foi feita... e a
 ca-pa-ci-da-de artística de quem a fez... certo? porque
 se eu (fizer) este gato e deixasse durante doze mil
 anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor...
 não tem;; nenhuma.... um valor artístico esta
 representação mesmo porque:: é usada por todas as
 crianças acho que quase que do mundo inteiro para
 desenhar gatos... então não estou colocando nadinha
 de novo (no tema)... nada de original... certo?...
 bem.... então::... a partir disto olha nós vamos poder
 entender... qual o tipo de arte que se desenvolveu
 porque se eu quero criar... um réplica da realidade...
 um DUplo do animal que eu quero caçar qual é o
 único estilo que eu posso usar?... ((vozes0)...
 naturalista... ((interferência de locutor acidental))...
 não não... aí:: a gente vê essa obra hoje com outros
 olhos com os nossos critérios... de beleza... e os
 nossos critérios de valor estético... eles têm... esse
 valor também a gente pode ver segundo outros
 critérios... além daquele pelo qual ele foi criado...
 então nós vamos fazer uma diferença aqui olha...
 uma coisa é dizer que a arte na época... tinha
 fun-ção... pragmática... porque é isso que a gente
 vem dizendo até agora certo? se ela foi criada...
 para um FIM... OUtro... que NÃO... a contemplação
 estética... ela é pragmática... outra coisa... é eu
 falar em es-TI-lo... naturalista... e naturalista aqui
 realista... isto é:: não é a realidade a a... a

realidade idealizada MAS a realidade de FAto...
 que vai ser retratada... ((interferência de locutor
 acidental))... ela mistura uma coisa com a outra
 ((interferência de locutor acidental))... com outro tipo
 de realidade... continua sendo realidade (o desenho)
 é um outro tipo... ((interferência de locutor
 acidental))... mas... o que ele... pintou ou
 desenhou... é dentro de um estilo naturalista-realista
 ele não vai esquematizar... ele não vai estilizar...
 por quê%... por causa (dessa) necessidade de criar
 algo tão parecido com com a realidade quanto
 possível... para poder substituir... a realidade...
 - - Betina - - ((interferência de locutor acidental))
 ... não... não... no no:: no paleolítico... não no
 paleolítico e nós vamos ver... que inclusive é é
 u:: u::ma arte extremamente visuAL... em que
 sentido?... no sentido de que só entra na figura
 aquilo que ele pode concretamente ver no animal...
 então se ele está vendo de uma determinada
 perspectiva... em que ele não enxerga as duas patas
 do outro LAto... ele vai pintar ahn desenhar o animal
 só com duas patas porque é só o que ele podia
 ver... certo?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)